

AUTORES & LIVROS

Ano 10
13/2/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Lêdo (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VI
Núm. 6

Notícia sobre Eduardo Prado

Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu em São Paulo, capital do vizinho Estado, em 27 de fevereiro de 1890. Era filho de Martinho da Silva Prado e de Valeriana Valéria da Silva Prado.

Em 1891, formou-se em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de São Paulo.

Cursava ainda a Faculdade, quando começou a aparecer como jornalista. Em 1890, seu irmão, Caio Prado, dirigia o "Correio Paulistano". Eduardo começou a publicar ali as suas "Crônicas da Assembléia", que chamaram sobre o seu nome a atenção dos leitores.

Boa leque de alma e de formação, possuindo como qualidade central no espírito a curiosidade (como tão bem o viu Eça de Queiroz, mais tarde), Eduardo Prado tinha um grande sonho desde a primeira juventude: o de viajar, viajar incessantemente, para conhecer todo o planeta. Obtida a título de bacharel, trabalhou a realizar esse sonho. Viajou, então, pelas cinco partes do mundo. Mas não viajou como um simples e despreocupado turista: viajou como um homem que estuda e que, mesmo ao se divertir, não cessa de estudar. Em quanto ia de uma terra a outra terra, escrevia para a "Gazeta de Notícias" e para outras as suas impressões de viagem, narrando o que via nos museus que percorria, contando o que encontrava nas bibliotecas, dando uma ideia e um julgamento sobre os principais indivíduos com os quais entrava em contacto. Assim nasceu o primeiro volume de suas "Viagens", publicado em 1896.

Essas viagens incessantes tinham, porém, um sugestivo e encantador pouso: tinham-no em Paris, a princípio na rua Casimir Perrier, depois na rua Rivoli. Nessas duas residências, cercado de seus livros raros, de seus objetos de arte, das mil coisas que o temperamento caprichoso de um sibirita exótico, focalizado também pelo olhar exigente e sábio do mordomo Humphreys, acolhia

Eduardo Prado, com uma gentileza de "gentleman", os seus amigos, e entre estes, contavam-se um Eça de Queiroz, um Ramalho Ortigão, um Oliveira Martins, um Afonso Arinos, um Olavo Bilac, um Rio Branco.

Afonso Arinos, contudo, nos diz que o verdadeiro lar de Eduardo Prado não foi a casa da rua Casimir Perrier, nem a da rua Rivoli; foi, sim, a fazenda do Brejão.

O Brejão está situado no oeste paulista, entre o Moggiassu e o Rio Pardo, a 650 metros acima do nível do mar e a 350 do litoral, (são indicações fornecidas pelo próprio Afonso Arinos.) Ali Eduardo Prado reuniu uma biblioteca preciosíssima, e assuntos de sociologia e história brasileira. Ali estudava, escrevia, aproveitando as noites, as madrugadas e os dias, como se tivesse a previsão de um fim muito próximo.

Foi ali que o visitou o seu ailhado Navarro de Andrade, o qual nos contou, depois, a impressão extraordinária, quase humorística, que lhe deixou o sistema da vida kaiseriano que o padrinho adotava na fazenda. ("V. Revista da Academia Paulista de Letras", n. 6 — 12 de junho de 1939).

Com a Proclamação da República, e quando corria em todo o Brasil uma onda tão avassalante de adesismo ao novo regime, Eduardo Prado teve mais uma de suas originalidades: ficou fiel ao regime monárquico. Pôs-se então a publicar, na "Revista de Portugal", umas notáveis crônicas de análises do fenómeno político que evoluía no Brasil, e suas críticas a atitudes e a pontos de vista dos novos dirigentes — a Deodoro, a Rui Barbosa, a Benjamin Constant, etc. — se eram sempre evadidas de sarcasmo e de ironia, nem sempre eram desprovidas de veracidade. Eduardo reuniu mais tarde esses trabalhos — que publicava assinados com o pseudônimo de Frederico de S. — reunindo-os no volume intitulado — "Fastos da Ditadura Militar no Brasil". Tais crônicas, na ocasião em que apareceram em "Revista de Portugal",

obtiveram o maior êxito em todo o Brasil, e em quase todas as capitais de Estados foram transcritas nas folhas locais.

Não contente em combater a República de longe, Eduardo Prado veio para o Brasil fazer jornalista militante no "Comércio de São Paulo", órgão de que foi diretor.

Simultaneamente com os trabalhos jornalísticos, continuava a realizar os seus longos e preciosos estudos de história. Em 93 edita em São Paulo o seu tremendo livro contra os Estados Unidos — "A Invasão Americana". O governo da República confisca essa primeira edição. Do famoso livro existem, que saibamos, quatro edições, sendo a última de 1917. Em 96, toma parte nas comemorações anchieiras, fazendo uma belíssima conferência sobre o tema — "O Catolicismo". A "Companhia de Jesus" e a "Colonização do Brasil" leva muito longe também os estudos e as meditações acerca do padre Vieira, do padre Manuel de Moraes, e em geral dos mais destacados sacerdotes dos períodos iniciais do nosso país. Inicia — e dizem os seus amigos que termina — um romance de ambiente paulista — "Terra Roxa" — que nunca foi publicado.

Em 1896, com a criação da Academia Brasileira de Letras, é um dos organizadores da casa. Cria a cadeira n. 40, que tem como patrono o Visconde do Rio Branco, figura que ele tanto admirava nos quadros da evolução histórica do Brasil, e que do seu grande amigo, o Barão do Rio Branco,

Em 1901, fez uma de suas rápidas e costumeiras viagens ao Rio. Machado de Assis o viu naquela ocasião. "Quando ele era todo vida e saúde", já levava, porém, consigo o germe do mal que a mataria. Regressou a São Paulo e seu falecimento ocorreu daí a dias, causando, ao que se diz, pela febre amarela.

O escritor faleceu na mesma cidade em que nasceu, e seu óbito ocorreu em 30 de agosto de 1901.

O escritor faleceu na mesma cidade em que nasceu, e seu óbito ocorreu em 30 de agosto de 1901.

A conferência de Eduardo Prado ocupa da página 21 a página 57.

Viagens (América, Oceania e Ásia), 1.ª edição 1932 (recolação postuma) 431 páginas — Escola Tipográfica Salesiana, São Paulo.

Coletâneas, 4 volumes (1904 a 1908) — Coleções postumas — Escola Tipográfica Salesiana, São Paulo.



EDUARDO PRADO

SUMÁRIO

- PÁGINA 85: — O povo brasileiro de Eduardo Prado.
— Notícia sobre Eduardo Prado.
— Bibliografia de Eduardo Prado.
- PÁGINAS 86 e 87: — São Paulo e os Jesuítas, de Eduardo Prado.
— Encontro com Eduardo Prado.
— Fac-símile da página de todos os Fastos da Ditadura Militar no Brasil de Eduardo Prado (segunda edição).
- PÁGINA 88: — A morte de Eduardo Prado, de Machado de Assis.
— Como uma visão, de Conde Netto.
— Eduardo Prado (Esboço), de Eça de Queiroz.
- PÁGINA 89: — Eduardo Prado, de Ronald de Carvalho.
— Um grande liberal e um grande patriota. A visita de Rui Barbosa sobre Eduardo Prado, numa carta a Couto de Magalhães.
— Através dos serões da Baía e Minas, Eduardo Prado.
- PÁGINA 90: — A simplicidade de Eduardo Prado, de Pedro Lessa.
— A História do Brasil, de Eduardo Prado.
— O nosso Eduardo, de Carlos de Laet.
— Uma página de Olavo Bilac sobre Eduardo Prado. Registro.
— Um autógrafo de Eduardo Prado.
- PÁGINAS 91 e 92: — As três imagens de Eduardo Prado, de Mucio Lêdo.
— Eduardo Prado, sempre vivo, de Tristão de Thzyde.
— Correspondência de escritores. De Eduardo Prado a José Virasimo.
— Eduardo Prado na opinião de Vicente de Carvalho.
— Eduardo Prado, na opinião de Joaquim Nabuco.
- PÁGINA 93, 94 e 95: — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — VIII — Lucio Cardoso.
— Nota biográfica (com fotografias).
— Algumas fontes sobre Lucio Cardoso.
— Bibliografia de Lucio Cardoso.
— Capítulo de romance — Fim de Dias perdidas.
— Tautologia.
— Um capítulo de novela inédita.
- PÁGINA 96: — Auto-retrato (fac-símil) de um autógrafo de Lucio Cardoso.
— Palavras que enganam o tradutor de Inútil.
- PÁGINA 97: — Uma medição de Silvio Romero. Índices da primeira, da segunda e da terceira edição da História da Literatura Brasileira.
- PÁGINA 98: — Velha árvore, de Marcelino S. Viana.
— Infinitamente ausente... de Abgar Renault.
— Poemas em prosa, de D. Múcio.
— Quarenta anos, de Lucindo Monteiro.
— Notas.
- PÁGINA 99: — Dante, Canto V — La Comédia Inferno. Tradução completa e ritmo por Eduardo Guimarães.
- PÁGINA 100: — Como um presente, de Carlos Drummond de Andrade.
— Glória esquecida, de Artur Carrazo.
— As exposições no Museu Nacional de Belas Artes, de Raul de S. Victor.

Bibliografia de Eduardo Prado

- Viagens, (A Sicília - Malta - O Egito) — 1896.
— Fastos da Ditadura Militar no Brasil, — 1.ª série. Artigos publicados na Revista de Portugal... 1890.
— A primeira edição dessa obra foi apreendida.
— A Invasão Americana, — 2.ª edição, 1895. — 3.ª edição, 1902. — 4.ª edição, 1917.
— A primeira edição desse livro foi também apreendida.
— Anulação das liberdades políticas. (Comentário ao parágrafo 4.º do Art. 90.º da Constituição Federal — 1897.
— L'Art e L'Immigration au Brésil, memórias publicadas no livro de Santa Ana Nery — Le Brasil em 1899. Foram incluídas no primeiro volume das Coletâneas. (1904).
— O Catolicismo, a Companhia de Jesus e a Colonização do Brasil. Conferência feita na Faculdade de Direito de São Paulo em 20 de Agosto de 1896.
— Esse trabalho figura no notável volume — III - Centenário do Venerável Joseph de Anchieta. Allard e Cie. 1900. — Ali encontramos também conferências sobre o grande padre feitas pelos

SÃO PAULO E OS

Para a conquista espiritual do Novo Mundo, a Igreja Católica devia forçosamente empregar seus soldados mais jovens, isto é, os mais fortes e os mais ardentes. Nesse tempo eram os jesuítas.

Não me é possível pintar, ainda que rapidamente, o quadro da evangelização do Novo Mundo. Direi apenas que a obra da Igreja foi uma obra de civilização e de humanidade e que os seus principais operadores foram os jesuítas. A história nos ensina, e isso é uma coisa que muito deve diminuir o orgulho da nossa superioridade em relação ao selvagem, que uma razão civilizada, em contato com uma raça bárbara e inferior, revela singular e inesperadamente instintos da ferocidade. As cenas que as histórias africanas têm presenciado, nestes últimos anos tem sido para nós uma lição de história.

Temos visto, perpetradas por alguns de nossos contemporâneos, que julgamos mais civilizados que os espanhóis e que os portugueses do século XVI, as maiores atrocidades. E elas têm sido tantas que, neste tempo, em que nos esforçamos por diminuir, com razões científicas, a responsabilidade humana e a culpa dos criminosos, já se tem aventado a hipótese de uma enfermidade mental explicadora de crimes praticados pelos civilizados contra os selvagens e absolutista da perversidade das representantes das chamadas raças superiores contra os indivíduos das raças denominadas inferiores. Seria essa doença um desequilíbrio nervoso causado pela solidão, seria alguma coisa de anormal: — o que é certo, porém, é que sempre se tem falado nesse pretense estado mórbido, todas as vezes que, no voltar d'África alguma expedição, se tem discutido e querido liquidar, na imprensa europeia, a verdade sobre os crimes das expedições africanas dos Stanley, dos Petelin e dos Segouzes. E escolhemos esses três nomes para indicar que ingleses, alemães, e franceses, filhos de três principais potências civilizadas da Europa de hoje, tem sido reus de crimes iniciais aqueles que nos horrorizam na história da conquista da América.

A crueldade da Espanha para com os indígenas, como disse um poeta hispano-americano: Crimen fué del tiempo, no de España.

E esses crimes seriam de certo maiores, se a conquista da América tivesse sido confiada pelo Destino regulador da história a uma potência protestante e não a países católicos do século XVI, como eram a Espanha e Portugal.

Vimos que os protestantes do século de Lutero, tinham a convicção de que as boas obras praticadas nesta vida de nada serviam para a felicidade de outra. Ora, sendo assim, como poderiam eles querer varar pelas matas, socorrer os índios, os enfermos, consolar os velhos, ensinar as crianças espancadas a todos pela sua pureza e sua paciência? Como poderiam eles arriscando a própria vida, penetrar nos acampamentos índios para salvar prisioneiros votados à morte e ao banquete da antropofagia?

Não é humano o esperar de algum sacrifício inútil, ou heroísmo sem recompensa.

Os protestantes franceses que, no século XVI, se estabeleceram na baía do Rio de Janeiro apesar de tanto encrencarem os seus cronistas as boas relações da sua nação com os índios, nada fizeram pela civilização destes. Ao contrário, tomou a coisa que nunca se deu com os portugueses: foi uma boa parte dos representantes da raça civilizada que se tornou selvagem e talvez, antropófago, embrenhando-se pelas matas. Embora Villegaignon, o religioso guerreiro da Ordem de Malta, fosse generoso e justo com o índio, os seus sérios protestantes não podiam falar à alma dos índios. O protestantismo, desprovido de todas as expressões afetivas e emocionantes do culto católico é uma abstração, é uma negação, e o selvagem não compreende abstrações e tem sede de certeza e de positiva afirmação. E os franceses desprezavam os índios. Villegaignon punia com pena de morte a união dos seus soldados com as índias, e o nome injurioso e cruel de *hougre*, que eles tiraram da língua francesa e aplicaram aos indígenas e que nós herdamos, diz bem os sentimentos deles para com os selvagens. Os ministros calvinistas que impunham as mãos sobre as cabeças dos neófitos indígenas para os admitir assim na Igreja de Genebra não conquistavam almas.

Os atuais exploradores d'África de quem tantos horrores se contam, são mais ou menos adeptos do cientismo moderno. Ora, a ciência não ensina a caridade, a ciência não prega a fraternidade. O que a ciência ensina é a lei da sobrevivência do mais forte e do mais apto, é a eliminação do fraco e, por isso, hoje na África o branco quer apenas sobreviver sacrificando o negro. E rigorosamente científico esta política. Para a religião, a unidade da raça humana, e, portanto, a fraternidade, é um dogma, e para a ciência, essa unidade é, quando muito, uma hipótese. Isto explica tudo.

O nosso século tem alguma semelhança com o século XVI visto que, no século XIX também, foi incensada e levada a cabo a colonização de vastas territorialidades do globo. A lição da história de há trezentos anos e a de hoje nos ensinam que há três métodos, três maneiras de uma raça superior dominar as terras habitadas por uma raça inferior. Isto é, na realidade de despojar essa raça, seja mais ou menos violenta, para a qual a nossa hipocrisia achou esse eufemismo do verbo colonizar.

Há o método que poderíamos chamar instintivo ou, talvez, científico e que consiste na destruição dos troncos semeadores do solo. Foi o que fizeram os espanhóis nas Antilhas no primeiro im-

peto de sua cólera, antes que a Igreja e, sobretudo, os jesuítas se tivessem interposto entre os fortes e os fracos para a salvação destes. E foi este o método norteamericano, que tem prevalecido apesar dos protestos e dos esforços das almas generosas. E este o método inglês, no Cabo de Boa Esperança, na Austrália e na Nova Zelândia.

Há o método mercantil, de que nos tem dado os ingleses, e, principalmente, os holandeses os mais numerosos exemplos. Chegaram a um país assentaram-se de um ou mais pontos, na costa, estabeleceram empórios e negociaram com os indígenas. E negociaram tão pouco cristãmente, que um proverbio dizia: "O inglês, ao passar no Extremo Oriente, deixa a consciência no Cabo da Boa Esperança para retomá-la na volta". Os holandeses luteranos, depois de martirizados e mortos no Japão os milhares de cristãos que ali suscitaram a pregação de São Francisco Xavier e de seus irmãos, podiam negociar em certos portos, desde que se prestassem, como faziam, a plantar aos pés um crucifixo. Nesse comércio, o europeu enganava pelo dolo e pela astúcia, desmoralizava pelos seus maus costumes, envenenava pelo álcool ou pelo ópio, contaminava e mata, pelas suas doenças, as populações nativas. Os holandeses aliavam-se aos pequenos despojos, a quem subjugavam, corrompiam e faziam instrumentos de uma opressão destinada a extorquir tributo ou, sob diferentes nomes e formas, o forçado trabalho da escravidão. — E há entre nós, brasileiros, quem justine não terem os holandeses ficando senhores do Brasil! Esta queixa do destino é fútil, porque como finalmente observou há pouco o sr. Assis Brasil, caso os holandeses tivessem feito desta terra um país bem governado e feliz, não seríamos nós que aqui estaríamos gozando dessa boa, mas sim, os holandeses e seus descendentes. E demais, tudo quanto os holandeses tem feito, no resto do mundo nos leva a crer que, senhores eles do Brasil, esta terra seria uma vasta feitoria, organizada com método, com ordem, com energia, talvez, mas seria uma colônia em que uns poucos brancos seriam tiranos de milhões de índios e de negros.

Com a colonização portuguesa e católica, viemos a ser, com todas as nossas fraquezas, com todas as nossas reais ou pretensas vantagens étnicas, viemos a ser nós mesmos, isto é, uma nação e um povo!

O Brasil como toda a América Latina, é um exemplo de que há um terceiro método de colonizar, que poderemos chamar, sem erro, o método católico.

É um fato bem conhecido de todos que estudam a história da colonização que os espanhóis e, talvez, um pouco mais ainda, os portugueses, são os europeus que mais e melhor se aliaram às diferentes raças que eles tem encontrado pela terra, na sua missão de descobridores e povoadores do mundo. E isto é um testemunho de força e de vitalidade incontestáveis, que se revela nos climas mais ardentes.

E sabido que os ingleses e holandeses, e menos em regiões equatoriais, mandam os filhos em terra longe para a Europa, afirm de reiteradamente nas brisas marinhas e no frio do norte, poderão viver aquelas crianças, que murchariam, e feneceariam, como flores na estufa mortal de um clima abrasador.

Como poderia essa raça, florescer nas regiões equatoriais e tropicais, hoje ocupadas na América pela fusão do sangue ibérico com o sangue índio e africano? Demais, parece que na partilha da herança territorial da humanidade, no Mundo Novo, foi observada uma lei: aos europeus protestantes do Norte coube a América do Setentrional, aos europeus meridionais e católicos coube a América do Sul.

Ufan-se aquela de todas as suas grandezas; tenhamos nós o nosso orgulho; o de sermos um povo que deve a sua existência não a trucidação de uma raça inteira hecatombe que o protestantismo não impediria no Sul, como não soube impedir noutras regiões, mas a fusão de raças opostas, diversas de origem, e que o catolicismo, renovando o seu antigo prodígio da cristianização e da aborção dos bárbaros soube também na América ensinar, civilizar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas nações.

Ao chegarem os primeiros jesuítas índios para o Brasil, havia meio século da descoberta. Os resultados da colonização até então haviam sido quase nulos. Cultivava-se algum acaçar em S. Vicente, parece mesmo que em Pernambuco, com o índio escravizado; mas o índio, na escravidão, protestava morrendo, e os seus irmãos da floresta atacavam e, muitas vezes, destruíam os portugueses. Não se pensara, por assim dizer, em catequese.

O clero que ao Brasil aportava era o mau clero português do século XVI, ainda não reformado e santificado pelo Concílio de Trento e que tantas lágrimas custara ao Santo Arcebispo Bartolomeu dos Mártires, que trabalhava pela sua emenda. Eram, por vezes, indivíduos isolados das ordens religiosas decadentes. A sua pregação era nula, a sua vida, pouco edificante, o seu fim, destruído. Apenas aparece a figura de um frade desconhecido e heroico, cujo nome a história não conserva e que, embora não soubesse uma palavra da língua indígena, meteu-se pelos matos, pergundo em português, dizendo que a palavra de Deus salvava o homem embora não entendida.

O martírio foi a recompensa da sua fé.

Os jesuítas foram os primeiros clérigos que aprenderam a língua indígena e nela pregaram. Vieram eles para o Brasil, quando veio o primeiro governador-geral Tomé de Souza, e assim, a mesma ocasião em que a ordem civil se regularizou pela

sua centralização, o Brasil religioso começava, por assim dizer, a ter uma existência real.

O nosso historiador, eminente e excentrico crítico Varnhagen, que tem toda a dureza de um aço que era, e uma inexplicável indolência deprimidora de toda grandeza e de toda beleza, que é, enfim o homem que em nossa história mencionava de todas as atrocidades da de Anchieta e da de Tiradentes, diz que os jesuítas foram o Irmão Orfêo, que souberam humanizar as feras.

Vari-hagen era partidário da extirpação do índio, e no seu singular patetismo odiava o ex-bocão brasileiro.

E o caboclo é, no entanto, um homem que todos devemos admirar pela sua força e, porque, afinal de contas, é ele que é o Brasil, o Brasil real, bem diferente do cosmopolitismo artificial em que vivemos nós os habitantes desta grande cidade. Foi, ele quem fez o Brasil.

Foi o filho do português e do índio, o índio, chamado despretensivamente, *mulatto*, que descobriu este grande país, e este contínuo fator histórico não teria aparecido, se a catástrofe, a ruína, e, finalmente, isto é, a domesticação do índio não tivesse sido feita pelos jesuítas.

O jesuíta mostrou-se mestre na arte de educar. Instaurou Nobrega para que da Europa, viesse ao Brasil orfãos, "ainda" dizia ele, na cidade do seu zelo, "ainda que fossem errados, pois que todas casariam, visto ser a terra muito grossa e larga".

Nobrega fez com que os seus padres aprendessem o tupi, língua de que alguns foram poetas e gramáticos.

A Companhia de Jesus espalhou ao Bom os seus combatentes por todo o Brasil e com isto, favorecendo a unidade provincial da Companhia, diz Varnhagen, concorreu muito para favorecer a do Brasil, "entabando mais frequência de notícias e relações de umas vilas para outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer mais fraternidade entre os habitantes das diferentes Capitânicas".

Na sua tarefa de salvar as almas, não descuravam das coisas materiais que entediavam com a felicidade do homem e a prosperidade da terra. Assim Anchieta escreveu a sua célebre renúncia de 1550, dando conta do clima, das plantas e dos animais do Brasil. Há também uma carta dirigida, doze anos depois, ao proprietário de um grande engenho de acaçar, em S. Vicente em que Anchieta se ocupa da administração do engenho e da sua direção, informando a *Schêta* do que se passava na sua propriedade. Nada era indiferente aos jesuítas, porque tudo quanto interessa o homem se relaciona com o problema da sua felicidade e da sua salvação. Este foi sempre o sentimento e a prática dos santos fundadores desta terra!

O maior serviço da Companhia foi, porém, a fundação desta cidade de S. Paulo, onde hoje estão reunidos, (embora sob a ameaça de desaparecer na onda estrangeira) os descendentes das raças fundadas, e onde, depois de quase três séculos e meio, há vontade de afirmar, pelo modo mais sobre a nossa existência social, prestando homenagem a um herói da nossa velha história.

Estacionara aqui de passagem Martin Afonso, quando viera de S. Vicente visitar estas colinas habitadas por índios amigos. Foi, porém, em janeiro de 1554, que aqui se estabeleceram os jesuítas, tendo como chefe o padre Manuel de Paiva. Vio ele, e como mestre-escola, o irmão José de Anchieta, e muito orgulho devem ter os nossos professores públicos de um tal colega e tal predecessor.

A razão dizia e a experiência demonstrava que a obra da civilização do índio não se podia fazer em S. Vicente, ou em Santos. O contacto imediato com a gente do mar, forasteiros e aventureiros, era corruptor e fatal; e, por outra parte, a raça corrompida não podia medrar, no começo da sua imigração tropical, na costa, onde o clima, lhe é desfavorável. A colonização definitiva da planta humana europeia não era possível nem nos territórios sem o exército na planta indígena, e este exército se robustecia, frutificava na perfeição, quando a raça migrante encontra um meio climático não muito diverso daquele da sua origem. Hoje, os planaltos da colonização africana descobriram as vantagens da ocupação do chamado *hinterland*, isto é, a conveniência do estabelecimento dos colonos europeus nos planaltos do interior, em zonas onde a altitude corrigindo o ardor do clima, vivifica os pulmões, numa atmosfera fresca e torrencial do ozonismo.

Os jesuítas compreenderam, há três séculos, isto que só hoje descobrimos.

As colinas de Piratininga eram um admirável campo dessa grande experiência feita a instâncias e por esforços daqueles incansáveis colonizadores. E' curiosa e natural a admiração e, em que, no século XVI, XVII e XVIII, falam do clima e São Paulo os escritores do tempo e os seus colonos da nova povoação. Havia aqui clima quase igual ao da Europa. Falam todos na abundância do trigo, das uvas, de que se fazia um vinho abundoso "bebido antes de ferver" de todo; falam-nos das peras, das maçãs, dos pêssegos, das rosas e mais flores europeias.

A pequena cerca que os jesuítas plantaram em São Paulo, junto à sua igreja, é um lugar célebre na história das plantas no Brasil. Ali se cultivaram pela primeira vez as espécies indígenas novas para os colonos, ao lado das velhas plantas e espécies trazidas da Europa, plantas ligadas à história das na-



JESUITAS - EDUARDO PRADO

mas e que estas transplantam nas suas migrações com as suas tradições e os seus hábitos. Diz-nos Anchieta que havia no seu tempo um povo de brancos e que, na cerca havia rios, cravanas, rios brancos e rios. Do parreirão dessa, era a uva do despenhadeiro, dominava a vista o horizonte e, Anchieta podia ver para o norte estendida aquela terra, dos futuros paulistas, terra, dizia ele, "de grandes campos, fertilíssima, de muitos pastos e gados, de bois, porcos e cavalos, etc. e abundância de muitos mantimentos". "Nelas — diz ainda Anchieta, — decorre anos depois da fundação de S. Paulo — se dão uvas e fazem vinho, há marmelo, em grande quantidade e fazem-se muitos marmelados; há pêssegos e outras árvores de fruto das terras de Portugal".

Hoje que S. Paulo sofre a miséria de ser obrigado a importar do estrangeiro tudo quanto se refere à ração, à alimentação e ao vestuário, causa inveja aquela abundância, e o economista pergunta a si mesmo qual a causa natural ou política da carestia — um exemplo em que vivíamos. Porque não progressiva aquela produção, porque apesar de tantas condições favoráveis, após tanto de quatrocentos anos, a nossa produção das coisas necessárias à vida e ao bem?

Oh fosse a fatalidade histórica que tornou os colonos em heróicos vagabundos errantes pela terra do Brasil, em milhéos aventureiros, em senhores de escravos — o fato é que a paulista antiga cedo abandonou a agricultura, mas da riqueza e da civilização, e hoje o seu descendente exerce a agricultura, apenas nas condições que nos dão, industriais e também insalubres, e avultosas que bem sabemos. Anchieta bem conhecia a nossa terra e os nossos pais, e bem nos avaliava na época, quando chamam o Brasil: Terra deserta e remota e algo melancólica.

Parce até que naquele tempo a cultura de cereais e das frutas era muito maior e mais próspera do que é hoje, para o que concorrerá talvez a possível mudança do clima. Insistiu muito os jesuítas no frio intenso que perdurava por longos meses e nas geadas continuas, que hoje não observamos.

É provável que a destruição das matas e a deslocação das várzeas tenham modificado a temperatura. Seja isso verdade, ou não o fato é que, reduzida a Cristandade, isto é, a paz, um grande número de famílias de índios, aqui ficou logo formado o centro donde deviam irradiar a descoberta e a colonização do Brasil. Relatou S. Paulo aos abasques dos temidos inimigos e, dessa data em diante, ficou seguro o seu futuro e começou a funcionar como uma oficina de homens. Homens mestres, não de um tipo inferior, porque não é inferior, como tem verificado todos os americanistas, o tipo resistente do branco e do índio. Nesse cruzamento, se o branco entra com um caráter mais desenvolvido, que se reproduz no seu descendente, o índio traz para o novo tipo a qualidade da sensibilidade das suas sentidas e a agudeza elástica das suas intuições, sentidos e músculos um tanto atrofiados no homem civilizado.

Não tivessem os jesuítas tornado os índios dependentes e mansos, e esse cruzamento, a que devotamos pode dizer-se a quase totalidade da população brasileira, não se teria dado.

Os portugueses, ou teriam destruído todos os índios, ou estes teriam destruído todos os primeiros estabelecimentos portugueses, retardando por um ou dois séculos, quem sabe? o povoamento e a civilização do Brasil. Graças aos jesuítas, escapou a humanidade, no Brasil, a essas desgraças.

Olivera Martins com a superioridade de percepção que lhe é própria, irritando os portugueses a estabelecerem colônias nos planaltos africanos do Alto Zambéze e do Shire, elavava-lhes sempre o exemplo de S. Paulo, e em parte, atribuía o relativo sucesso português na África aos estabelecimentos formados no clima desfavorável da costa. De S. Paulo, dizia, não sair a raça que fez o Brasil; tivemos nos dois outros S. Paulo, e criaramos em África outro Brasil.

Realmente o Brasil foi feito pelos paulistas. Sem eles, a linha portuguesa seria falhada apenas numa estreita faixa de território paralelo ao Atlântico. O eíbre meridiano com que Alexandre VI dividiu o mundo no século XV, tão arbitrariamente como a conferência de Badajoz, em 1481, dividiu a África, passava pouco a leste do centro do Brasil atual. Não fossem as invasões dos paulistas feitas para o ocidente deixando os nossos rios da bacia platina que lhes serviam de caminhos, rios que têm a singularidade de, nascendo perto do mar, correrem para a interior das terras, o domínio espanhol seria quase total na América do Sul.

Prevalece essa linha divisória e toda a Amazônia, todo o Mato Grosso, todo o Rio Grande e grande parte de Goiás, S. Paulo, Paraná e Santa Catarina pertenceriam à Espanha. Foi o paulista quem, na América do Sul, alarçou os domínios de Portugal, demarcando e batizando o Brasil do futuro.

O mameluco paulista, quando deixava o caminho dos rios, antes de invadir as terras de Espanha, atravessava a floresta franca dos pinheiros do Paraná, que lhe davam o sustento, e, antes de mais longas excursões, deixava plantada nalguma parte a ração do milho índio, que era, na volta, a sua alimentação amarrada no deserto.

E estas excursões até onde foram? Essas expedições, cujo fim era cultivar índios e buscar ouro, fa-

ram desde o Amazonas até no Prata (como se diz nos discursos) e desde o mar até aos Andes.

Nesta vida tiveram lutas com os jesuítas. Foram lutas para enjugar excessos a história tem com razão decretado mercedas anistias. Como exigir que homens em cujas veias corria ainda quente o sangue da antropofagia dos avós ou de seus pais considerassem a escravidão um crime? E se os jesuítas, opostos a escravidão dos índios, queriam no seu zelo governá-los demasiado, segundo as queixas dos mamelucos, os jesuítas punham pela humanidade. Como diz Montequieu, falando dos jesuítas: "Será sempre belo querer governar os homens para os tornar felizes".

A obra dos jesuítas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e milhões de seres que viveram como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e plantações, revelados ao mundo por esses inumeráveis viajantes da Companhia, que eram santos, geógrafos, escritores, historiadores e naturalistas e cujas obras sobre as novas terras formam por si as bibliotecas, que a posteridade rele, sempre aprendendo.

Sem falar no México e no Peru, cujas populações, em parte foram salvas da morte por eles e por outras ordens religiosas, pode dizer-se que as três grandes maravilhas dos jesuítas na América, foram o Brasil, o Canadá e o Paraguai. Do Brasil, primeiro teatro dos seus trabalhos, foram os primeiros jesuítas que subiram o Prata e foram civilizar o Paraguai; esses jesuítas, espanhóis, italianos, irlandeses e portugueses haviam já praticado no Brasil, na escola de Nobrega e de Anchieta, e para o Paraguai levaram seu sublime espírito. Foram mandados por Anchieta, em 1587, quando exercia o cargo de Provincial. Foi o Apostolo do Brasil de certo modo o fundador das cristandades jesuíticas do Paraguai. Essas célebres reduções, objetos de tão sangrentas lutas, onde tantos crimes perpetraram os paulistas e onde tanta coisa extraordinária foi feita, constituem um dos mais curiosos pontos da história da América. Restava até poucos anos muita restituição nas datas e pode dizer-se que, antes do Barão do Rio Branco que é hoje o homem que mais conhece a história do Brasil, eram confundidos os nomes, os lugares e as datas da fundação e da destruição dessas antigas reduções, cuja história se relaciona com a do Brasil e especialmente com a história de São Paulo. Hoje, graças ao sr. Barão do Rio Branco, que aplicou ao assunto aquela sua grande erudição histórica e geográfica que ao Brasil já valeu e não de valer triunfos diplomáticos, há ordem e clareza no assunto.

Mais interessante, porém, do que as datas, são as lutas, e quando os paulistas armados de "escopetas" e vestidos de "couros de onça" à moda de dalmataca, perseguindo as das setas, e ao som de caixa e de bandeira desfilavam", conforme nos conta o padre Montoya, assaltavam as reduções indianas, acharam a sua testa os jesuítas.

Poucas páginas mais comoventes e trágicas tem a história do que a dos padres jesuítas, que, vendo aprisionados e calvos os seus filhos espirituais acompanharam-nos ao pé, desde o Paraguai até São Paulo, consultando-os com a celeste esperança.

As caçadas humanas de paulistas duraram até a data em que os jesuítas com licença real amaram os seus povos. Os nossos mamelucos foram recusados, encerraram-se a história de suas correntes e as reduções do Paraguai tiveram paz mais de um século, sob esse governo jesuítico, que desde Montequieu até Augusto Comte tem recebido a admiração de todos os géneos e insultos de todos os ignorantes.

No século passado, Pombal, que tinha a singular mania de regular sua política pelo que dela dissolam os estrangeiros, inundou a Europa de livros e folhetos, em todas as línguas, contra os jesuítas e, especialmente, os do Paraguai.

Preparava Pombal o golpe da expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses até que foi para o império ultramarino português outro Aleazar-Kibir, como o do século XVI para o reino lusitano. Com a expulsão dos jesuítas, no século passado, a civilização recuou centenas de leguas dos centros do continente africano e do Brasil. As prosperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruínas; os índios volveram a vida selvagem; as aldeias do Amazonas despopularam-se e, até hoje reinam a solidão e o deserto onde havia já, a sociabilidade humana. Em nossos dias a bandeira da Inglaterra, da Alemanha, da Bélgica, ou da França tremem em África sobre as ruínas de edifícios religiosos, num solo que seria português, se não tivessem sido largadas ao abandono e vagadas ao equívoco, aquelas terras onde, pelos missionários, dominava Portugal.

A história o, porém, justifica. As imperfeições que mostrou, as faltas que cometeu por vezes, a Companhia, desaparecem diante da grandeza dos seus serviços. Hoje, ninguém com mediana instrução histórica e bibliográfica fala mais na Montia secreta, obra da calúnia e perversa falsificação conhecida e desvendada.

Previamente este ano em que nós brasileiros e nós paulistas nos preparamos para honrar, na pessoa de Joseph de Anchieta, um herói jesuíta, e elevar-lhe uma estátua, foi solenemente inaugurada no Capitólio de Washington ao lado dos grandes homens daquele país, a estátua de outro jesuíta, do padre Mercatore, o apóstolo dos Hurons, o descobridor do Mississippi Justa glorificação que, neste continente, cujas ideais livres são tão proclamadas,

FREDERICO DE S.

FASTOS

DA

DICTADURA MILITAR

NO

BRAZIL

1ª SÉRIE

2ª EDIÇÃO

ARTIGOS PUBLICADOS

REVISTA DE PORTUGAL

DEZEMBRO DE 1889 A JUNHO DE 1890

1830

Página de rosto dos "Fastos da Dittadura Militar no Brasil", 2ª edição. Este livro foi tomado para o livro que, com o pseudónimo de Frederico de S., Eduardo Prado publicou em 1890, na "Revista de Portugal".

os jesuítas recebem depois de todos os doctores, e de todas as porquiceiras do século XVIII! Merceda e estrondosa reparação!

Nos brasileiros, temos, por este motivo da glorificação de Anchieta, uma rara ocasião de estar todos festivamente alegres, porque e glorificarmos a nossa história e os feitos dos nossos maiores; os irmãos podem dissenter entre si, mas todos têm o sentimento comum da veneração pelos pais.

E este sentimento revela-se entre os povos pelo amor à língua nacional, aos costumes, as tradições por toda essa riqueza que é património de uma nação. Para nós, paulistas, há o dever de uma grande gratidão para com a memória imortal de Anchieta e dos rudes mamelucos.

Nas vastas solidões do Brasil, nos baixadas dos campos ressecados, oculta entre o verde pontado de ouro da laranjeira, a beira do pequeno canal, há a casa isolada do caboclo margada do rio d'água, no pleno do momento e abraçado do sol, que quebram a espaços a penada surda e o lento gemido do monjolo. Ali vive ele na pobreza tirando o alimento de uma terra que nem sempre é da fertilidade que os nossos economistas, poetas e oradores apagam. Vive ali simples, rude e enervado a sua calma o deendente do mameluco e do índio, que hoje tem toda sua família e tem Deus, porque os jesuítas civilizaram os seus avós.

ENCONTRO COM EDUARDO PRADO

Conheci-o alguns dias antes da sua morte, por ocasião de ser de recebido no Instituto Histórico.

Ao ser-lhe apresentado, senti uma impressão que não se poderia com a dissimulação e os desconfiantes que ordinariamente nos indígena nomes tristes, quando nos aproximamos das respectivas pessoas. O homem que em admirável de longe, e em tudo do por dia o seu aspecto e brilhante espírito, não decrescia visto de perto. Antes, devia dizer-se sinceramente — a presença daquela nobre figura humana como que completou, no meu conceito, o que a admiração havia começado o espiritual afirmava-se francamente como um tipo legítimo de representação, desses que honram, não somente uma geração, mas todo um povo, raça digna de explicar na história.

Era um forte!

Rio, 1901.

ROCHA POMBO



Eduardo Prado, aos cinco anos de idade

EDUARDO PRADO
RONALD DE CARVALHO

Com muitas virtudes excepcionaes de cultura e observação, a que se vinha juntar um dom de polêmista em nada comum, Eduardo Prado realizou, com o seu ar de enfatiado das cousas e dos homens, uma obra de jornalista reaccionario das mais notáveis. Monarquista, não por mera attitude como querem a alguns, mas porque via no regime deponho o único meio de remediar as nossas incapacidades politicas, decorrentes da instabilidade não só das camadas elites, mas ainda do ambiente social do Brasil, o autor da *Flusca Americana* foi um dos publicistas que melhor comprehendiam essa situação de pequeninas tiranias organizadas a que ficou reduzido o nosso país, depois que a Republica o dividiu em varios Estados interdependentes. Sabendo, pela experiencia ganha no contacto democratico com os povos mais velhos do ocidente, que a sorte de uma nação terrorivelmente atarde, e com um inicio de população modesto, estava na razão directa de um governo centralizado e de um poder unico, onde se reflectisse e concentrasse toda a sua energia productora, Eduardo Prado foi dos primeiros que esboçaram uma reacção capax contra o sistema aqui inaugurado em 1889. A utilidade imediata da sua propozença isolada, quando ainda não desbotara a tinta vermelha do barrete frigio, ninguém pode avaliar convenientemente. O Governo Provisorio, aproveitando-se naturalmente da liberdade recentemente conquistada ao absolutismo de Pedro II, e mais da igualdade e fraternidade, tão supranadas e ambicionadas, ameaçou e perseguiu o escritor atrevido que com tanta levandade abusava da sua complacencia democratica.

O que o Governo Provisório, entretanto, não conseguiu apagar foi o prestígio do seu nome e a sinceridade do seu rápido, profundamente impressionado pela marcha sinuosa da nossa política e pela dureza dos seus processos tão ríspidos quanto perigosos... Não lhe foi a política um "tema literário", como escreveu José Veríssimo, mas a base mesma do seu gerar de doutrinas. Basta considerá-lo o combate, naturalmente exagerado, mere do seu temperamento impetuoso, ao expansionismo yankee, combate que tem sido continuado por fecundos publicistas latino-americanos, como Roda e Inglêss, para ver que ele não estava fazendo apenas um jogo de paradoxos brilhante mas, inutilitavelmente, concorreria para enriquecer com os argumentos seguros uma corrente de idéias assente já em copiosa literatura. Eduardo Prado é, em suma, um ensaísta ágil e seguro, e um escritor perfeito, que, com pouco mais, teria sido verdadeiramente grande.

**UM GRANDE LIBE-
RAL E UM GRANDE
PATRIOTA**

A OPINIÃO DE RUI BARBOSA SOBRE EDUARDO PRADO NUMA CARTA A COUTO DE MAGALHÃES

Rio, 30 de setembro de 1901.
Exmo. Am.^o dr. Coulo de Ma-
galhães.

Não me tenha em mal vir tão tarde. Há cinquenta e três dias que vivo junto de um doente, cuja vida me é mais cara que a minha. Aguardava comanimento de de folga e serenidade, cujo começo a experiência me apontava cada tarde na manhã seguinte, reservando-me para então obedecer a sua carta de 5 deste mês, onde reclama a minha presença na edição especial consagrada pelo "O Comércio" de São Paulo a memória de Eduardo Prado. Mas, afinal, antes que me cessassem as funções de enfermeiro, adoeceu-me me levantando ainda agora, apenas em tempo de acudir-me os derradeiros comparentes, e escassamente com forças para lhe agradecer a honra, que me axou, de insinver o meu nome na piedosa teoria das almas, que passam hoje por este tumulto carregadas das obrigações da saúde.

Não faltara, no momento, quem lhe celebrasse o diamante, a luz e a formosura, de primeira ordem na esfera das nossas grandezas estelares. Ha um mes que todo o Brasil intelectual um coro de admiração em torno do seu nome. A tradição da lingua, a arte do esboço, a dignidade da eloquencia, a gloria do jornalismo e o culto da historia hão-de procura-lo entre os seus modelos e os seus tesouros. Eu, no lugar deixado as coisas do coração pelas opiniões, deusse triumpho, entre os comemoradores desse espirito, me contentarei de passar como uma das testemunhas da sua bondade, rogando a Deus, he convertera em bençãos no seu seio as horas de conforto, que ele, nesta casa, me deu, quando, ao despedir-se desta terra, antes de se partir para a morte, vinha trazer-me palavras de encorajamento, nas suas dias de transe, passou comigo uma das suas ultimas tardes no Rio de Janeiro, em tão intima troca de ideias e sentimentos.

Assim se fechou, as vésperas



Eduardo Prado aos 22 anos de idade

da viagem eterna, a amizade, com que, há cerca de sete anos, me distinguiu tão benevolente, tão generosamente. Documentos de lá guardo as suas cartas entre os meus papéis mais preciosos, entre os que mais captivaram, talvez, algum dia, o interesse de meus filhos. E, se me fosse licito mutilá-los, apagar deles o meu nome, cercar-lhes a parte afetiva e íntima, a da amizade, pródigo de suas riquezas com a indigência alheia — desmanias daquelas páginas se não veria fuletrar o gênio da liberdade contendo na imagem da

UM ESCRITOR

JOSE' VERISSIMO

Não obstante ter boas relações com Eduardo Prado e conservar dele provas de excelente camaradagem literária, que me são preciosas, não o conheci bastante para falar do homem. Mas conheço bem quase tudo, o que ele escreveu, até parte da sua obra de jornalista.

Pois, pois, dizer com íntima convicção, e não menos profunda pesar de falar no passado, que ela foi um escritor, na mais nobre e justa acepção desta palavra. Ainda ela batizada aos escrivedores de toda a sorte, por pouco que tenham alguma orografia e sinaxe — e ainda a alguns que nem isso têm.

Não é na corriqueira acusação usada que a empregue falando de Eduardo Prado. Quero com ela significar o homem que, tendo realmente alguma coisa que dizer, digna de ser dita e ouvida, sabe dizê-la, o que supõe saber capacidade de idéias gerais, ciência da língua, dotes de artista na palavra, escrita, o sentimento das cambiantes das idéias e da linguagem.

Tudo isto, com outras qualidades relevantes ao escritor, como a ironia, a finura, a graça, facilidade, a clareza, possuía em Prudente de Moraes uma coisa nada comum em a nossa literatura, e no nosso jornalismo, Eduardo Prado. E se ele não lhe pode chamar verdadeiramente um grande escritor, é porque não lhe permitiram talvez o seu gênio um pouco dimisso e a fragmenta-



Edvard, Pradit nos treze anos d'idade.

ção e pouca variedade da sua obra, e, sobretudo, a sua morte prematura.

Ele chegava justamente à maturidade, à idade das grandes obras, quando nos deixou com a amargura de ver desaparecer com ele um dos raros a quem a mais difícil e rigorosa crítica não podia deixar de ter como um escritor de excepcional valor.

que fortes e belas coisas não poderia ter ele dado se vivesse e trabalhasse, nos rumos dos nossos tão abandonados e tão mal feitos estudos históricos? Ele, porém, tinha talento, capacidade, virtuosidade, para trabalhar campos diversos, tirando de todos magníficas searas. E' esta confiança, iniquamente gorada, que, fora das aflições pessoais e faz, dolorosamente sensíveis a profundamente lamentáveis mortes como a de Eduardo Prado. Não duvido dizer que nele perdeu a intelectualidade brasileira um dos seus mais singulares representantes, e a literatura brasileira um grande escritor.

Rio, 15 de setembro.

um grande liberal, o amor da pátria exaltado na inspiração de um grande patriota?

Mas... sunt lacrymae. A minha fé ainda não é das que incluem energia, para nos consolarmos de tais perdas. Esta glorificação, porém, está pedindo um horizonte azul, o ambiente de uma alvorada, palmas verdes, ideais acrisolados pela esperança e os santos entusiasmos do futuro. Sejam elas os que acompanhem este nosso imortal na entrada à eternidade.

Seu ami.º obr.º

Scu. ann.^o obr.^o

Ruy Barbosa.

ATRAVÉS DOS SERTÕES DA BAIÁ E MINAS
EDUARDO PRADO

EDUARDO PRADO

Nos serões de Minas Gerais e da Baía, na região em que se juntam os territórios destas duas antigas províncias, nos meses da seca, que ali vai de abril a novembro, a paisagem é uma verdadeira surpresa para o europeu acostumado a idéias convencionais de natureza entre os trópicos.

A sombra das flores misteriosas, en-
cruadas de flamares enlaçadas, esmaltada das cores de orquí-
deas fantásticas, as inclinações pairam por onde trepam ma-
cacos, fundo ora escuro, ora violentamente iluminado de cla-
reiros, onde buroletes parecem bulir, no sem não peido a lento
as grandes borboletas azuis... toda essa paisagem tropical que
as majestades plantam e que a cenografia vulgariza, tudo isso é
desconhecido naqueles centros do planalto brasileiro que ficam
a direita do Rio São Francisco. Os trópicos nem sempre são
trópicos!

O viajante corria pela estrada dura e pedregosa, que em longuitimas curvas, ou em retas infinitas, atravessava os intermináveis, em que a vegetação escura, mola seca, espinhosa, se enreda numa massa compacta, ou rareada, que alcança os foyhos e os peitos das mulas. Os pequenos estalhecos, as mimotas e as acedias rasteeiras, que parecem ás vezes pinheiros de Liliput, á beira da estrada, são enovellos de penugens brancas, que lembram a neve e a grada. E' o algodão arrancado em fiapos ás cargas pesadas de algodão em rama que por ali transportam em tropas as mulas tangidas em foyhos pelos tropeiros e precedidas da mula madrinha, que, ajornada de vermelho e tintinillante de guizos e sinetas á cabeça, andaço lentamente, marcando o compasso á marcha do caravana. Por centenas de leguas pode o viajante no sertão ouvir o caminhar das tropas que trafegam entre Baio e Minas; como o eardor do milho do conto do pequeno polegar, os noronhos do algodão, presos ás plantas do campo e dos serrados, podem indicar o tempo ao remilhante.

Os primeiros moradores daquelas regiões chamavam-na de "Campos Gerais". O povo hoje abrenha, e a designação "Gerais", serve para toda a vasta extensão do esteiro e ressecado territorial. De tempos a tempos, nem-se alguns bols pequenos, algumas vaquinhas raras, quase todas brancas. O silêncio da paisagem desolada é raramente interrompido pelo gramar de algum assustadico bando de anins esbranquiçados. Nas poucas árvores magras e torcidas apegam-se, ou como que se en-cristam grandes bolas de terra endurecida e preta, que amassam e constroem infinitas legiões de cupim, insetos invisíveis que se grampam e se obrigam em sólidos moradas, por eles feitas dentro daquelas grandes bolas de terra pendentes dos árvores como frutos monstruosos.

Os grandes inhoítores acabam, o terreno tomba para um vale. Ao longe, há manchas de verdura negra pontilhada de ouro. É o espesso laranjal que esconde uma casa distante. Adianta-se que há ali água: um ribeiro, um pequeno tanque ou um simples poço. A nota vibrante, longa e suspirada do canto de um galo denuncia a existência de um morador, dono da propriedade, de verdura elzra e ondença: um canavial.

Quem retanguio uz berraria cistão?
O trilho, na tombada dos laboleiros, é jurado e canoado das
chuvas; afloram à terra cristais salios, setras brancas arruadas
do solo pelas patas dos cavalos e meia moldas das rodas
dos carros de bois num pó branco que arrebeta e faz renhar
o vento frio das árvores. Lá de baixo sobe o bafio esquentado do
vale. Deixa o caninhão, e ao longo, em frente, começa a moagem
se, como que balançaadamente, a crescer, outra terra, que a não
descambando ilumina e que se vai desenhando, ali, em curvas
enredadas, além em dentes avilados, que, à medida que o plan-
tante caninhão, abre-se, fecham-se, somem-se, aparecem, cres-
cendo, somem-se e moldando de forma.

As serras entre a Baía e Minas não quase sempre escaladas. Os campos têm a aparência, durante a seca, de uma absoluta esterilidade. Desaparece o gado, somem-se as culturas — vai tudo para o lugar misterioso que se chama — "os páss" — Nos pequenos cerrados, onde se planta o milho, brota alguma erva, há uma oporência de verdura e o gado engenhoso descobre alguma coisa para comer — sobretudo palha de arroz e milho. Estas palhas dão o nome a estes retiros do gado. Durante a seca, pode dizer-se que toda a região hiberna. Não se fazem plantações, nem se trabalha em cultura alguma, não há queijos, nem manteiga, um copo de leite é uma coisa mística quase fantástica. Os moradores conservam junto às suas moradas apenas os carvalos e muitas indispensáveis. A interrupção do trabalho é absoluta. O gado, (boi, vaca, touro, bezerra, cabra, carneiro) vai para as palhas ("as páss"); os animais de carga e de montaria ("o canina") também para as mesmas palhas, em "criação" (galos, galinhas, galinhas d'Angola e porcos) vivem em liberdade junto e dentro das casas. A fome, a luta pela vida, dá aos porcos uma energia, uma audácia e uma astúcia inerteis. Saem para longe das casas, onde vivem por assim dizer da comida que ninguém lhes dá; arrancam e devoram raízes, onde a sua imaginação, mais do que o seu estômago, encontra um simulacro de alimento, e com voracidade atiram-se à polpa verde e viscosa dos cactus, afrontando os infinitos e plúvimos espinhos, que lhes dilaceram as peles. São marionhetas cobertos de pó, fulros como javalis apocalípticos, tendo a espinha e a aparecer no dorso, acidentado como a corte de uma serra. Se à porta da casa surge um morador trazendo à mão uma lanterna, que se dispõe a descançar com a grande face afiada, de todos os pontos do horizonte glonom sobre as paredes de todos os tamanhos, que lhe formam à roda um círculo apilado de flocos cinzinhos grunhidores e levantados. Adivinham que lhes vão ser tomadas as casas da laranja.

Quando o dia de vingem for longo, há uma infinida e triste
túlipia em estar a gente deitado sobre um couro, entendido no
chão, junto ao lugar onde vai ser armazém a barraca do das
canas naturais. A terra tem ainda algum calor que lhe deu
sol, que, já baixa, descascando, parece que vai ser cortado
e roído e como decorado pelos dentes azuis da serra escabada
cuja fita aresta se estamam no ocase.

Com o afrouxar do ardor do sol, baina do azul profundo uma
 presença indelével. As árvores empoeiradas e ressequidas da es-
 trada, na diminuição da luz, perdem a dureza do seu desenho
 violento e áspero. Voltando-se para o azul que se lhe contorna no
 abóbado sem fim, o other é fascinado no abraço irresistível da
 quietude. Nada azul, é a visão é só de azul, desse azul que porco-
 rre, parece nascer de si mesmo, num lento, silencioso e ritmá-
 do, terna chiflidade. Sente-se a realeza que se difunde e se re-
 trola, se o mundo azul bairra mais perto, ou lentamente se ma-
 longe, num azul infinito, e os olhos, que não olham, mas estão
 vendo, acompanham o caminhar em longos giros e em trai-
 torias intuições de uns pequenos esboços de formas incolores
 pontos vagos, oscilantes, e de trêmulas ondas tão reais, que pa-
 recem estar no azul, mas que estão nos nossos olhos. Iludidos
 no engano da visão, espelho sempre turvo de velhas lágrimas
 choradas.

A SIMPLICIDADE DE EDUARDO PRADO

PEDRO LISSA

O estudo, os estudos, a azeiteza na observação e o frequente convívio com intelectuais de real merecimento foram de Eduardo Prado o homem simples, natural e de fácil e agradável acesso, que Fca de Queiroz nos seus livros tanto mostrava realista.

Conversando, ou escrevendo era sempre de uma simplicidade encantadora. O seu claro bom senso e o seu sutil bom gosto nunca lhe permitiram um livro de deslize, em que se tratasse o artificial, afetado, a "pose".

Sua erudição vasta era a consequência da natural curiosidade de uma inteligência inquietamente ativa, ou frequentemente o meio para alcançar um fim que julgava bom. Não armazenava a sua grande riqueza de ideias e de fatos para a banal exibição desastrosa, mas para melhorá-la — quando oportuno, para corrigir — quando necessário, para ser útil — sempre que possível.

A simplicidade juvenil, ingênua, que era das notas mais sedutoras do seu caráter, e a espontânea veia crítica, a todo momento produzida em epigramas levemente aciculados explicam-nos bem aquela superior aversão à facinória e ao convencionalismo jacobino, que levava Eduardo Prado a medir um homem de letras, um homem de ciência, ou um político militante, por esta escuálida, que nunca o enganava, afirmava: eu estou dominado pela autocracia? reverte-se de um exterior solene? rebusa frases e alardeia no convívio? Tem essa confiança nas suas ideias, nas suas opiniões, nas suas teorias, nos seus conselhos? E' humilhantemente um moderado e acrescentava: nunca ter visto um só homem de verdadeiro mérito, com as aparências filiosas da podentaria.

Tenho receio, costumava dizer Eduardo Prado, de algum dia me apor uma capacidade. Esse fato malva sempre o início da decadência mental, a angústia da inteligência. Não se tolera mais a contradição, torna-se a investigação paciente, a observação perspicaz, o raciocínio seguro, não se entervem os lúdos vãos de uma questão complexa; o pensamento deixa de ser um instrumento docil para a descoberta da verdade, porque acredita, sem exame, estar sempre na posse dela.

Não, espírito gentil, não te abateste sequer do eschoço que temas. Morreste na apodatura do teu talento vivaz e infantil, na plena florescência das altas e nobres qualidades que, em países estranhos, te facilitavam representar, encarnando o teu país, e — na desditosa pátria tua amada — lutar abnegadamente por lhe sanar os grandes

A História do Brasil - Eduardo Prado

A nossa história e cheia de emocionantes episódios, de duvidas que despertam e preenchem a curiosidade, de lindas poetisas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade do estudioso.

O grande misterio da especie humana na America pre-historica está, em grande parte, occulto e occulto no Brasil; nas linguas indigenas, onde os filólogos o querem decifrar, nas esculturas da sola, onde ha as vestigias de extintas especies e onde se descrevem as magias impressas e, as vezes, os restos da fauna do passado, entre os quais, nas fumaças da Lapouza Santa, lupo descobriu o homem contemporâneo de um mundo desaparecido. Na verdade dos vasos de Marajo ha o aparecimento de uma arte pela qual o sentimento estético das quizes desconhecidas oitavas se aproxima da pureza das formas e da harmonia das linhas que os ceramistas da Africa conseguiram.

A beira das praias, onde o mar espuma, a recordação das guerras que passaram esta nas conchas amontoadas, entre as quais se acha, dentro da sua urna funeraria, a mumia misteriosa do homem sem nome; e o estudioso pergunta se aqueles mortos e se os habitantes selvagens das nossas terras não são ruínas de povos, e como diz Martins, "o resíduo de uma muito antiga, posto que perdida historia".

E quando o Brasil começou a existir para o resto do mundo? Em que época se vem juntar a torrente da Historia? Foi na época deslumbrante da Renascença que o fio, tece então, das para sempre ininterrupta da sua vida, se vem entretever na trama universal da vida das nações. As viagens oceanicas, um dos grandiosos episodios daquele tempo, frangiam o Atlântico, e assim a Europa, e, mais tarde, a Africa, puderam vir reunir-se neste grande oceano da America e formar o Brasil. Vieram então as armadas, velejaram ao longo das nossas costas as caravelas e as naus tomando alturas, rebentando água em caminho da Índia, erigindo padrões, deixando homens desterrados. Perceberam em ignorados matagijos alancas payas e os desterrados e os salvos das indas, esses padrões vivos da nova raça conquistadora,

males. Nos, os teus patrícios, que tanto te admiramos bem podemos repetir-te a palavra em que João Baptista Dumas resumiu o elogio do grande Cuvier: "Tua morte nos diminui".

al flevam na terra e eram o misterioso João Mamão, o obscuro bacharel de Cananea, mais tarde o leonardo Caranara, ou a ingênua e tão interessante Illeg Stude. Portuguesa e frange as chegavam a costa brasileira, traficavam em pau-brasil, estabeleciam feitorias, despoilou os pontos de negocio, e isto sem deixar vestígios, como se vê do que aconteceu na historia tua obscura do comercio dos Fenícios e Cartaginenses, que rodearam a Africa, foram ao largo do Offir do Oceano Indico e, em busca do estanho e do ambar, as rotas da Inglaterra e as praias hiperbóreas do Báltico.

Por nêse século XVI que se estalou o coro da lerra de São Jacques, em Diogo, onde, na fôrmação das venas da vida, dos mercadores da cidade, apparecem indios, corlando e carregando Pau-brasil, todos armados das suas enlupadas arçafas. E outros indios, então levados a França, como curiosidade, acompanhavam em Ruão a margem do Sena e iam ornar a entrada triumphal de Henrique II. Cristianissimo rei de França, e da muito illustre dama Catarina de Medici, sua esposa. Carlos IX, dialogava com outros indios e Montaigne, fazendo traduzir uma canção dos Tupinambás, declarava achar nela um sabor todo amareocônico.

Quem se dedica à Historia do Brasil não se encerra dentro de uma especialidade ainda e estreita. Desde a época da descoberta, nenhum grande fato europeu deixou de ter a sua repercussão no Brasil, ou de influir em nossos destinos. Se algum entre nós tivesse a experiência de ensinar a um adolescente a Historia do Brasil, exprobando-lhe successivamente os acontecimentos da historia da Europa e pintando-lhe os seus personagens, a medida que em nossa historia fossem apparecendo os effeitos daquelles acontecimentos, ou a influencia daquellas figuras — esse adolescente acabaria sabendo, não só a historia completa do Occidente do velho mundo dos últimos três séculos.

A Reforma repercutiu no Brasil na tentativa da colonização luguente de Villegaignon e a sombra dos alterosos rochedos da baía do Rio de Janeiro, discutiam teologos de Genebra com teologos catholicos e perant' os selvagens nus, a mais elevada teologia e terçavam os argumentos mais sutis sobre a Graça e a Presença Real e a Predeterminação. Surge no campo catholico a reação organizada na Companhia de Jesus, e dos primeiros dos seus soldados vem muitos ao Brasil, cuja historia fica ligada a dos Jesuítas.

O NOSSO EDUARDO CARLOS DE LAET

Quando nos primeiros tempos desta Republica, creveria eu contra os dominadores que haviam saltado o poder, chegam-me os artigos, vigorosos e brilhantes, com que Frederico de S. exordia os Factos da ditadura militar no Brasil. Que animação e que envolvimento! Não eram então eu e alguns raras almas os únicos a nos insuflarmos contra a violencia e a injustiça coroada pelo triunfo!

Aqui, no Rio de Janeiro, logo a voz publica attribuiu aquelles artigos ao conselheiro Lafayette, mette em finas sátiras politicas; mas errou a voz publica: eram de Eduardo Prado, cujo nome entrou a popularizar-se no correr dessa formosa serie de quadros contemporâneos, tão verdadeiros e tão magistralmente acabados.

Mais tarde quando Eduardo voltou ao Brasil, tive enjaio de pessoalmente conhecê-lo num jantar íntimo, onde cortês se assentaram a mesa, alem de outros, o Eduardo e o Rodolpho Dantas — duas eternas saudades — e o Joaquim Nabuco, uma saudade e uma decepção.

Desde então, não frequentemente, mas sempre que o permitiam as circunstâncias, pivei com Eduardo Prado, em quem se me depavara a feliz alliança de um grande talento e de um nobre coração.

Um dos muitos rabiscadores de crônicas nesta cidade disse, outro dia, que o nosso finado amigo era catholico e monarquista por "chic". No rol das ultimas saudades, esta me ficou de memoria. Igualmente se poderia duvidar de todas as crenças e convicções. Moço, rico, pertencendo a uma das mais distintas familias da nossa terra, Eduardo retrahia-se e viveu doze annos dentro do templo em que enforava as suas ideias. Morreu monarquista, e suas ultimas palavras foram um supremo protesto da sua fé no Deus humanado dos christãos.

Isto me atenua a tristeza, e, alem da saudade, me aponta um lugar onde nos encontraremos. Se a coerência politica de Eduardo Prado é um exemplo, sua morte, nesta quadra de tantas descerenças, é uma solenne e sublime lição.

A porta do hotel em que se hospedára, no largo de Isabel a Redentora, encontramos-nos dois ou três dias antes da sua partida para São Paulo, eu e o meu saudoso amigo. Fomos, a pé, até a residência do velho Ferreira Vianna, onde se palestrou entre de uma hora, ou mais, que as horas passam rapidas na convivência de tais amigos. Voltando, propuz-lhe tomarmos o bonde, mas ele preferiu que viessemos também a pé, para conversar mais tempo.

Passámos pela porta do hotel, e aí o avisei, cuidando que nos despediríamos... Mas ele ainda quis prolongar aquella prova — a última! — fazemos a fmeza de acompanharmos até ao sopé do morro de Santa Tereza... Pobre amigo! e com que maravilhoso intuito lhe falava o coração prolongando a nossa derradeira palestra!

Para os que, como eu, creem na immortalidade da alma, a morte nem tudo rompe com os seus golpes. Sei que ele vive, e quando, de novo, quizer realçar a nossa conversação, bastar-me-rei algumas das suas paginas. Nelas o revelo todo, com o seu inimitavel "humour", misto de ironia que fora todo inglesa, se a não illuminasse a muita bondade do espirito brasileiro. Elas — as suas valentes paginas — hão de confortar-me com dois ensinamentos: a fidelidade aos principios politicos que ambos defendíamos; e a vivissima crença no Deus a quem adoro e a quem ele, moribundo, enviava o ultimo anelo.

UMA PAGINA DE OLAVO BILAC SOBRE EDUARDO PRADO

Quando Eduardo Prado morreu, Olavo Bilac fazia na "Nocturna", o seu "Registro", que assinava B. Na edição de 31 de agosto de 1904, daquelle jornal, publicou o grande porta o seguinte "Registro" sobre o seu colega acadêmico, que acabara de fallecer em São Paulo:

REGISTRO

Há poucos dias, num hotel das Laranjeiras, encontrei "Eduardo Prado", em companhia do engenheiro Rêta. Achei-o agitado, forte, mais magro, com uma boa cor de saúde e de alegria na face. Respondeu-me: "parece"; e ele, com bom humor, explicou: "que quer você? é a segunda mocidade que chego..."

Eduardo andava examinando a cidade, que havia muito tempo não visitara. Quando o bonde passou pelo altar do Russell, o observador teve uma frase justa: "Noto uma certa mudança no Rio de Janeiro, no que diz respeito a embellecimentos e melhoramentos, ao parece ter uma preocupação, que me espanta pela sua estúpida manifestação; a preocupação de esconder o mar..."

Vimo-nos ainda algumas vezes, na rua do Ourique; soube depois que voltara a São Paulo; e, agora, chega-me a noticia inesperada e brutal da sua morte.

Neste país, em que se podem contar facilmente os pessoas que sabem ler e escrever, Eduardo Prado só era conhecido como "um moço rico e muito raiado" e como "um monarquista de antes quebrar que torcer". Somente os livros, que se procuram com as colzas da Arte sabem que fmo escritor arde de perder o Brasil. A sua estyria nas letras teve um um livro de "Viagens", — que tem poucas encantadoras de graça e de offício. As paisagens da velha Grecia são ali tratadas com um carinho de artista romancista. Quando houve a recitação de 89, Eduardo, em Paris, desdobrou contra ella as baterias do seu "humor" e da sua ironia. E como o escritor brasileiro eu amigo íntimo e inseparavel do grande Bca, não fallou quem attribuisse a colaboração do extraordinário ironista português o que aquelles sátiras tinham de mais finamente malicioso. Quem assim pensava, esquecia o volume das "Viagens", em que o escritor lá se apresentava armado cavalheiro, e senhor de um estylo proprio, ultimamente, Eduardo Prado, que muito gente ainda tinha por um "monarchista", por um detestador das coisas da sua terra. — via em São Paulo, exclusivamente dedicado aos estudos de historia, aversamente prejudicando a vida colonial os orculos da nossa formação de povo.

Fra de notar a vasta erudição deste homem rico, que nunca se aproveitou da riqueza para unicamente fruir as delicias e os regozijos materiais que ella podia dar. Nunca me encontrei de que eram as noites de leitura, na linda "arconviária" da rua Casimir Perier, em Paris, durante o duro inverno de 1890...

Foi ainda a febre amarela, essa abominada inimiga da nossa civilização, que nos veio roubar esse fino e delicado espirito. Santo Deus! quando nos libertamos do febre amarela e do analfabetismo? B.

fortar-me com dois ensinamentos: a fidelidade aos principios politicos que ambos defendíamos; e a vivissima crença no Deus a quem adoro e a quem ele, moribundo, enviava o ultimo anelo.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL

Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1904

Ha nesta sala e como que um arvoreto de patriotismo; ha aqui, uma parquemonia das cousas e dos homens, e uma como que attitudo de conversação pos- -relia da Vábia.

Eduardo Prado

Um autógrafo de Eduardo Prado, "Fon-mille" da pagina 67, provido que ele deixou guardado no livro do Instituto Historico, em 1901 pouco tempo antes de fallecer.

AS TRES IMAGENS DE EDUARDO PRADO - *Mucio Leão*

Em Eduardo Prado três imagens diferentes parecem ter-se fixado activamente em nosso espírito: a do dandy, a do monarquista, a do adversário dos Estados Unidos.

A imagem do dandy é talvez a principal delas três. — Eduardo Prado, foi (ou, pelo menos, deixou essa tradição) o brasileiro mais elegante do seu tempo, aquele que soube viver mais em harmonia com um tipo ideal do homem mundano, tipo sem curvatura romântica, e até absurdo, que estamos habituados a encontrar em certas novelas, e hoje vemos frequentemente em certos filmes do cinema americano. Seus amigos mais chegados, os que o conheciam mais na intimidade, os que deixaram para a posteridade a figura que dele se havia de fixar — essas nos contam o que era esse homem, como elegância e como requinte. Dizem que ele fez muitas vezes a volta ao mundo. Narram que ele possuía — mesmo no interior do Brasil, mesmo na fazenda do Brejo, para onde se retirava, quando se sentia cansado da vida exaustiva nas grandes cidades — milhares de objetos que serviam para compor a sua elegância. Afirmando que os sapatos que ele usava se contavam as centenas... Que os chapéus com que ia para a caça eram também aos milhares, e tinham todas as procedências e formas possíveis... Que as suas roupas vinham dos mais famosos alfaiates do mundo, e eram sem número... Tudo isso eles contam. E o mais famoso e o mais ilustre dos seus amigos, Eça de Queiroz, tomou-o para modelo dos personagens de maior requinte, quando, ora a Fradique Mendes, e ora a Jacinto, certas coisas que pertenciam a Eduardo Prado.

A do Monarquista foi a segunda imagem que de Eduardo Prado nos ficou. — Ele pertencia a uma das famílias que podíamos chamar estruturas do Brasil, e assim era natural que se sentisse tanta responsabilidade no regime monárquico. Toda a gente do seu sangue falava de tradições, vivia para as tradições. Juntava-se a isso, para além do capítulo de Eduardo, a terrível inconsistência da primeira fase da República, aquela fase convulsiva da luta, quando o novo regime apareceu incerto dos seus destinos, vacilante em suas bases desmoralizado pela enxurrada das adesões, e provocando em todos os homens jovens uma impressão de confrangimento e de dor. Mais político e educado do que a maioria dos brasileiros, Eduardo Prado devia experimentar um sentimento profundo de desilusão, diante de tantos distúrbios dos seus patriotas.

Contam seus amigos que em Paris ele escondia do seu mordomo inglês os jornais brasileiros em que iam narradas as histórias das nossas desordens... Não queria, em sua alma de patriota, oferecer a um cartão, mesmo sendo esse estrangeiro um seu servidor, espetáculo que lhe parecia nada recomendável para a sua terra...

Nesse terreno, a posição de Eduardo Prado foi a posição de muitos outros brasileiros, que depois vieram a servir devotadamente a República. Um desses, e o mais característico, porque o mais ilustre, foi Joaquim Nabuco. Também se retraiu do cenário político, com a vinda da República. Também se refugiou numa solidão só propícia ao trabalho intelectual, aproveitando esse afastamento que o novo regime lhe deixava, para compor os seus livros mais belos. A República, porém, sabia onde se encontrava Nabuco, e no momento em que ele se tornou imprescindível, foi procurá-lo.

O mesmo teria acontecido com Eduardo Prado, se ele não tivesse morrido tão cedo. Ao morrer exercia uma grande atuação jornalística em São Paulo. Mais alguns anos, e teria vindo para a Câmara, teria vindo para o Senado, teria sido Ministro. E, como era paulista, e tinha, nesse sentido, com o símbolo fado do seu nascimento, meio caminho andado, talvez um dia houvesse chegado à Presidência da República...

A terceira imagem de Eduardo Prado é a do adversário dos Estados Unidos. Ele era, em essência — pelo espírito, pela inteligência, pela educação — um europeu. Era visceralmente, com Fradique, com Jacinto, um homem de Londres, ou, melhor dito, um homem de Paris. E todo o seu ideal — refugio ao ideal político — consistia em transplantar para o nosso continente os moldes gloriosos que tinham levado a França e a Inglaterra à posição em que as via.

Era natural que a esse homem político causassem horror certas formas grosseiras da civilização americana — toda destrutiva, toda muscular, toda física. Era uma concepção de mundo, uma ideia de que o Brasil combinasse para se tornar, no Sul do hemisfério, uma réplica do que era o Norte a grande produção abandonando para isso os modelos tradicionais da harmonia, da harmonia, da pura plenitude das atitudes e das ideias, que haviam aqui florescido sob o reino de D. Pedro II.

Vá ele a trabalhar para termos de imitar as instituições dos Estados Unidos, e trata de nos advertir sobre os perigos. Mas nada como a faz, citando um artigo, "Patriotes, no seu célebre discurso do Ceará,

mico, disse: Dei-vos, ó Atenienses, uma constituição que não foi copiada de nenhum outro povo. Não vos fiz a injúria de dar-vos, para vossa mo, leis copiadas das de outras nações". — Esse preceito de Pericles queria ele, o muito justamente, que nunca fosse perdido de vista pelos nossos homens de Estado. E assim o disse: "Os legisladores latino-americanos têm uma validade inteiramente inversa do nobre orgulho do Ateniense. Gloriam-se de copiar as leis de outros países. Todos os povos espanhóis da América, declarando a sua independência, adotaram as fórmulas norte-americanas, isto é, renegaram as tradições de sua raça e de sua história, sacrificando ao princípio insensato do artificialismo político o do exotismo legislativo". Esse era o ponto de vista central de Eduardo Prado, em seu combate à *Husão Americana*. Mas haveria muita coisa a dizer, para argumentar com ele. E em primeiro lugar isto: Eduardo se revoltava contra os nossos legisladores, os brasileiros e os latino-americanos em geral, que procuravam adotar em nossas legislações princípios e instituições exóticas. Mas em benefício de que combatia ele esse ponto de vista? Em benefício do regime monárquico — o que era, como ideal político aplicado ao Brasil, o mais exótico dos exatismos, pois vinha para um continente onde nunca se pudera adaptar a instituição da Monarquia... Não era uma contradição?

Tais são as imagens que Eduardo Prado deixou para a posteridade.

Hoje, distantes quarenta anos da morte do escritor, essas imagens se atenuam e como que se fundem umas nas outras. Já não vemos mais o Eduardo dandy, nem o Eduardo homem de ideias políticas, nem o Eduardo adversário dos Estados Unidos. O que vemos é a figura do patriota, a figura do homem que tanto amou o Brasil, que tanto procurou elevá-lo. O que vemos também, é o coração que soube transferir esse grande amor que teve pela sua pátria para a humanidade inteira, procurando compreender todos os povos, todos os indivíduos, e encontrando, para definir esse sentimento de universal compreensão, expressões felizes como essa a que Afonso Arinos soube dar toda a significação que ela tem, de chamar a todos os homens companheiros do planeta; ou como essa outra, de dizer que tinha para todos os seres do planeta uma simpatia irradiante.

E' essa imagem total a que possuímos hoje de Eduardo Prado, e é ela a imagem que cada vez se irá impondo mais ao coração de todos os brasileiros.

Eduardo Prado, sempre vivo — Tristão de Athayde

Eduardo Prado passou por nossas letras como um meteoro. Dos seus apenas durou sua vida, de 1880 a 1901. Surgiu com a República e morreu com o Século. Mas deixou de seu pensamento uma escultura indelevel. Foi, em nossas letras, com Nabuco, como Arinos, como Graça Aranha, como Oliveira Lima, para citar apenas nos que estão mais próximos de nós, um dos que viveram entre o Brasil e o Mundo, entre a fazenda e o boulevard.

Começou, como se sabe, em pleno positivismo. Serviu mesmo de modelo a Eça de Queiroz, para criar os mais expressivos dos seus tipos literários. Era então, quando frequentou as recepções de Neaudy, uma flor de civilização. Rico, viajado, culto, inteligente, aristocrático no verdadeiro sentido do termo, tinha como ninguém aquilo que os barbaes de nossos dias conseguiram tornar odioso — raça. Era bem nascido. Tinha berço, como se diz. Mas não era apenas, como se atigou a muitos de seus contemporâneos, e talvez ao próprio Eça, uma flor da decadência. Possuía, no âmbito de sua era, uma fibra que os acontecimentos iriam por a prova.

Desde os tempos de Academia revelara Eduardo Prado as qualidades de independência de caráter e de coragem que seriam, mais tarde, os traços mais típicos desse jovem aristocrata que se colocava, um pouco arrogantemente, ao arripio de tudo o que a sua geração adorava. Foi desde estudante que revelou, no Brasil, aquilo que Disraeli considerava a grande força da Inglaterra — é que lá os homens de bem não tem menos coragem que os canalhas.

Transposta a frase por termo, menos agressivos e mais justos, pode-se dizer que Eduardo Prado mostrou a sua geração que os homens de tradição não tem menos coragem que os revolucionários. Sua geração estava penetrada de espírito revolucionário, particularmente em um de seus traços mais característicos — a hostilidade ao passado. Esse revolucionarismo dos moços do fim do Império era representado por três ideias centrais — a República, a Abolição e a Impiedade.

Gonzaga Duque, que foi da geração de Eduardo Prado, deixou-nos numa crônica da "Revista Contemporânea" de outubro de 1900, um retrato de sua geração que nos vai mostrar, de modo luminoso, o estado de espírito contra o qual Eduardo Prado quase sozinho, entre os seus companheiros, reagiu em parte com uma coragem, um desasombro, uma arrogância juvenil e firme que iam para sempre gravar a sua personalidade inconfundível dos anais de nossa história política e cultural. Eis a página



Eduardo Prado, aos 29 anos de idade

maravilhosa de Gonzaga Duque, que peço venia para transcrever in extenso, pois acrescenta ao prestígio do estilo a força incomparável do testemunho pessoal: — "Estávamos num tempo vasto (por volta de 1890). O pleuguismo e a graça de nossa literatura sobrecarregavam-nos o tédio. Abria-se um romance e eram os marabás apaixonados e os tupis perniciosos, como o Lula Fernandes da "Morgadilha de Val Flor" e os sombrios aventureiros tramando infâmias... Mas, de repente, uma geração nova, educada na Análise, melhorada na sua mentalidade pelo cientificismo que reconstruía a França e a Itália e afirmava o domínio espiritual da Alemanha, surgiu da bancada das Academias, falando em Claude Bernard, Darwin, Haeckel, Littré, Spencer, Broca. Nós todos, que começávamos a martirizar o buri, para lhe dar aspecto de bigode, berrávamos sarcasmos da "Morte de D. João" ao Céu saburando e a Divindade esculpida. Pobres blasfemos! Nos cafés deglutiam-se mié-bentas" com filosofia de Augusto Comte e à noite desmoroando o Barbe. Ia-se a "Força e Matéria" de Buchner, para cargas de argumentos fulminantes. A Reforma alborizava. Agita-

vam-se questões de Arte, com predileções por escolas. Nós moços, queríamos o Experimentalismo, julgávamos pelo documento. As criações românticas tinham-nos cansado... Acabava-se o nome de Alencar com uma acrimônia desforçada. Macedo agonizava ouvindo a vaia assobiar-lhe à sombra. Mas, olhávamos em derredor, de bugalhos afitos, a procurar os ídolos que satisfizessem o nosso fetichismo. E não tínhamos ídolos. Lançávamo-nos, então, a confraternizar com uma geração portuguesa que já tinha passado que era apenas uma tradição. Ressurgíamos a luta coimbrã, irreverentemente apedrejávamos a memória de Castilho, que nos parecia o pai espiritual do catulismo brasileiro... O "Primo Bazilio" chegou-nos a esse tempo" (Revista Contemporânea — outubro 1900).

Eça de Queiroz foi o Malherbe dessa geração "fim de século". Eduardo Prado participou dessa idolatria eclética que atingiu ainda a nossa própria geração. E sua amizade íntima com o grande romancista em Paris, é até hoje, um dos temas mais típicos das relações literárias luso-brasileiras. Ao contrário, porém, de Gonzaga Duque e da generalidade dos seus contemporâneos, desafiou Eduardo Prado o espírito de seu tempo e de seus companheiros, desde os bancos da Faculdade, marcando em parte, desde moço, contra o revolucionarismo de sua geração, o tradicionalismo de que foi então o paladino quase solitário. E ainda sem dúvida, hesitante e tímido, tal a pressão do ambiente estudantil e a apatia do meio social.

Foi preciso o choque da República para despertar em Eduardo Prado a fibra do polemista extraordinário, do escritor tão elegante e singelo de estilo, como poderoso em suas sentenças viris e agudas em suas observações psicológicas. Foi a luta contra a Ditadura militar que deu firmeza inabalável a uma posição que até então se confundia com a atitude paradoxal de um moço rico e nobre que defendia a sua casta e os seus privilégios ou quando muito pretendia ser um original.

Foi logo a partir de 1899 que Frederico de S. começou a impôr-se. O Visconde de Ouro Preto, em 1898, conta a sua surpresa ao ler, em Lisboa, logo à chegada no exílio, sete anos antes, o primeiro número do misterioso pseudônimo, na "Revista de Portugal", sobre os acontecimentos recentes, "De quem, dizia eu de mim para mim, de quem a pura Independente e afoita, que ora imita o látego de Juvenal, ora o buri de Tacito?" Foi a mesma pergunta que por toda a parte faziam, nesse momento agudo, tanto em Portugal como no Brasil, todos os

Eduardo Prado, sempre vivo — Tristão de Athayde da Academia Brasileira

que acompanhavam de perto os acontecimentos políticos. Sua posição foi comparada, ainda pelo Visconde de Ouro Preto, à de Hipólito da Costa. "O papel representado por Frederico de S. equiparava-o ao do grande jornalista nacional Hipólito da Costa que, durante anos, em Londres, reagiu, ele só, no seu *Correio Brasileiro*, contra os desmandos do regime colonial". (pref. a "Fatos da Ditadura Militar", p. XIII).

Em pouco tempo se tornava famoso, em todo o Brasil, esse descomensurado e magnífico polemista que até poucos meses antes só era conhecido, pelos amigos mais íntimos, como um dilettante que iria satisfazer, em viagens e leituras, essa qualidade de seu espírito que Eça de Queiroz iria considerar — no maravilhoso artigo que em 1898 escreveu sobre o homem Prado — como sendo a sua "qualité maîtresse": a curiosidade.

Eduardo Prado entrava, de uma vez e de corpo inteiro, para a luta de idéias e para a glória literária. E' bem possível que, se não fossem os acontecimentos, tivesse perdido o seu tempo e o seu talento em viagens sem rumo, pelos horizontes da terra e do passado histórico. Nas páginas de viagens que nos deixou — e que constituem, para o nosso patrimônio literário, o que de melhor nitidez possuímos no gênero — mostra bem que a paixão das aventuras vivia nele como herança dos seus antepassados bandeirantes. Não fossem os acontecimentos e ficaria como Fradique, passando pelo mundo um olhar distraído e oitico. Veio a Revolução Republicana, porém, vieram os "barbares", veio o jacobinismo de vistas curtas. Veio o jacobinismo. Vieram a impiedade e o positivismo. Tudo aquilo por que os motes de sua geração tinham clamado nos patios das Faculdades, nas mesas dos cafés ou nas colunas dos jornalinhos vermelhos — aparecia de um momento para outro revestido da austeridade encaixada dos políticos e dos galões militares do novo regime.

No jovem dilettante despertou, então a fibra combativa do bandeirante. De Paris viu o drama da pátria longínqua com a mesma urgência com que hoje do Brasil, um Georges Bernanos vê o da sua pátria mal ferida. E começou então sua carreira agitada de jornalista político e de panfletário, sem que jamais perdesse a linha ou desistisse. Revigorou-se o seu tradicionalismo. O passado foi, para ele não um repositório morto de coisas idas, em que maravilhavam para ocupar as horas vagas e vãs, e sim um tesouro vivo de verdades que vão dar ao presente as soluções exatas que lhe escapam.

Contra o ambiente laico que dominava e que o positivismo tentava oficializar, com a sua igre-

jinha austera e seus dogmas homocpáticos — que pretendiam curar a impiedade pela impiedade, o velho dogmatismo pelo novo dogmatismo, o jacobinismo pelo cientificismo — levantou Eduardo Prado a bandeira de um catolicismo militante e varonil, que iria marcar o renascimento de uma Fé que, durante o Império, se deixara invadir pelo sentimentalismo mais verboso e pelo sincretismo mais confuso. Como escreveu, em seu estilo alcaudonado, um espírito que prometeu tanto em sua mocidade e tão pouco cumpriu mais tarde, em sua pobre vida malograda — "Eduardo Prado não era um católico especulativo ou platônico, nem pulhamente sentimental ou apalermadamente romântico; se o seu espírito era bastante elevado para compreender o Catolicismo, o seu coração era suficientemente humilde para o praticar... Não se envergonhava de publicar a sua fé e sustentava-a em toda parte e diante de todos, sem timidez absurda nem tolo respeito humano; exercia, sem claudicação, em larga escala, a caridade obscura, não só de simples remota, do donativo fidalgo, do auxílio generoso — o que já era muito — mas também a caridade intelectual, a mais apurada de todas e a menos entendida pela sovina ariar-gentária da época... tinha finalmente em alta estima a oração, que é o respiradouro da alma e sabia, com singeleza, acotovelar-se democraticamente — ele, o aristocrata e o imperialista — com os rudes e os simples, na comunhão do mesmo anelo e no consórcio da mesma prece". (José Severiano de Rezende — Eduardo Prado — páginas 80/1).

A figura de Eduardo Prado, ao contrário de outras muitas do seu tempo ou de todos os tempos, é daquelas que vão crescendo com o passar dos tempos, a despeito do gênero difícil que escolheu, o mais efêmero e o mais fadado ao esquecimento — o jornalismo.

Como Jackson de Figueiredo — que iria ser para a nossa geração o mesmo que Eduardo Prado ou Carlos de Laet foram para a deles — não teve Eduardo Prado tempo bastante para nos dar uma grande obra definitiva. Escreveu sempre ao calor das circunstâncias. Criou mesmo que nunca nos daria uma tal obra, mesmo que tivesse vivido por longos anos. A "curiosidade" de que falava Eça de Queiroz — que tão bem o conheceu e dele tirou um retrato a pena que provavelmente jamais será excedido — essa avidez de conhecer homens e coisas lhe teria vedado qualquer obra de paciente investigação. Não que fosse um superficial ou um intuitivo. Ao contrário. Como jornalista, soube sempre aliar a graça mais alada do estilo à mais cuidadosa e selecionada documentação. Nunca escre-

veu no ar ou por escrever. Sempre teve em mira um propósito firme a realizar e um plano agudo a desenvolver. E foi sempre em torno do Brasil, de seu passado, de seus problemas, de suas perspectivas futuras, que girou a preocupação maior de seu espírito. Passava os dias, em Paris a procurar nos velhos alfarrabistas, obras e documentos sobre a nossa terra. E com isso formou, como se sabe, uma das mais completas "bibliotecas" de que se tem conhecimento, erminosamente dissipada, por sua morte, e em grande parte vendida ao estrangeiro. Trabalhou, pela pena, como ninguém, para conservar a esse Brasil um patrimônio de princípios intangíveis, fora dos quais sua história seria ou seria fatalmente uma marcha para a negação para o nacionalismo e para o domínio estrangeiro.

Reter Eduardo Prado não é, pois, apenas um prazer do espírito. Recordá-lo não é simplesmente um voto de fidelidade à memória dos homens ilustres do nosso passado literário. O autor do "Brasil Americano" é um homem sempre vivo. Sua obra é uma definição copulante de valores e de princípios que devemos aceitar, refletir ou destruir, mas que não podemos apenas saborear com delícia ou considerar a distância. Conversamos e debatemos hoje, com Eduardo Prado como o fizessem, a seu tempo. Aquelas que tiveram a fortuna de conviver com ele. Seu estilo é de hoje. Sua idéja não é de hoje. Suas preocupações e orientações continuam tão vivas hoje com há meio século. Temos muito a aprender, com ele. E não apenas aqueles que, como eu, ao considerarmos obscuros e insignificantes os continuadores da linha do seu pensamento e da sua defesa de um Brasil cada vez mais fiel ao seu passado cristão e às suas raízes lusitanas e latinas, dentro das exigências do novo e terrível século em que vivemos. Não apenas seus herdeiros diretos, mas todos os que hoje veem e sentem as grandes ameaças que ameaçam a nossa civilização e o nosso patrimônio histórico, precisam ler e meditar o grande jornalista da nossa república, tão grande como historicamente o foi e muito maior pela qualidade de suas idéias, do que o jornalista da outra "Aurora", da Prússia.

O tradicionalismo de Eduardo Prado é, pois, para os nossos de hoje, uma nota tão nova e tão segura, adaptado sem dúvida, aos novos problemas e poder de alguns outros avançados, ou mesmo francamente inaceitáveis, — pois estão longe de aceitar em bloco a sua herança — como o melhor não poderia encontrar em novo tempo. E' mister, pois, que conservemos viva a chama do respeito pela sua memória e procuremos trabalhar pela maior divulgação de sua obra e de seu espírito. Pois não é um grande morto que festejamos, mas um grande vivo que seguimos.

Correspondência Eduardo Prado na opinião de de Escritores

DE EDUARDO PRADO A JOSE VERISSIMO

São Paulo, 2 de Fevereiro de 1897.

Meu caro Sr. José Veríssimo. Ou estou em grande engenho ou devo em parte à sua benevolência, de que tantas vezes me tem dado, o prazer que tive lendo a notícia da minha escolha para a Academia de Letras. E' uma honra que eu não posso recusar e que não posso recusar tanto a preço eu. Esse movimento é em grande parte devido a "Revista Brasileira" e ao seu diretor cabem todas as glórias. E' um fazedor de impossíveis!

O J. Nabuco teve uma bela idéia: a de colocar cada cadeira sob o patrocínio de um ilustre morto, que não (sic) ornamento da literatura brasileira. Desejo honrar o meu lugar ideando que o não posso fazer por outro modo inscrevendo nele o nome do Visconde do Rio Branco. Como orador, como discutidor, como escritor diplomático, entra ele no quadro dos nossos literatos: é literato quem com sanfame, se serve da língua materna para fazer, pela eloquência e pela lógica, vitórias às suas idéias. E, para mim, este nome de Rio Branco que eu desejo glorificar como poder tem uma significação afetiva. E' o nome do Barão do Rio Branco que, com grande pesar meu não foi incluído na Academia. Injustiça que, espero, será reparada um dia.

Seu sempre muito grato e amigo — EDUARDO PRADO.

O admirável trabalhador dos "Fatos da Ditadura" e do "Brasil Americano" lembra aqueles heróis de Dumas, que têm terribes combates, acompanhavam de ditos elegres os golpes que davam e recebiam... A sua obra é toda cheia de força, de coragem e de bom humor. A sua fidelidade, inalterável e combatente, à monarquia bonada, não era uma paixão que se desdobrasse em tufores ou que desabrochasse em polvoros azedos: no mais aceno de suas batólicas, Eduardo Prado mantinha uma serenidade jovial, que lhe permitia fazer de graciosos ironias os seus golpes mais fundos.

... Eduardo Prado foi um dos



Eduardo Prado, num retrato dos últimos tempos

mestres nesse tão difícil arte de escrever coisas eloquentes em estilo simples. Chamar-lhe o Paul Louis Courier do nosso idioma não é um exagero.

COMO UMA VISÃO

(Continuação da pag. 88)

bela e a mais forte da América. A Arte da Grécia e o senso prático de Roma-Pallas com a cabeça da Ioba — eis a utopia; o que ele queria em suma, era ter uma Pátria, era restaurar o seu Brasil, e por isso vivia, com a paciência de um reconstrutor, reunindo os fragmentos do Passado e, enquanto lá fora, nas conspirações ferviam, ele no seu retiro, no campo, ou no seu palácio, em Paris, nella alfarrabios, decifrava manuscritos, compulsava infólios, para poder, um dia, oferecer à Pátria a Obala da sua veneração filial. Era um elemento do seu país... e o silêncio foi a homenagem que teve. Foi talvez melhor assim — Eduardo tinha horror a discursos principalmente quando entravam sollecções.

Depois dessa noite de inolvidável beleza, nunca mais o encontrei: foi uma visão feliz, motivo apenas para uma eterna saudade.

Campinas. COELHO NETTO

EDUARDO PRADO, NA OPINIO DE JOAQUIM NABUCO

Excerto de uma carta de Joaquim Nabuco a um amigo de São Paulo, datada em Wimeraux (França), em 4 de setembro de 1901.

"Nesta praia de França, onde viemos para tomar um banho de sol e sal, chegou-me a notícia do morto do Eduardo, cujo sensibilidade aguçada tem sido ultimamente posta à prova repetidas vezes, de modo cruel... Ai, a repercussão desta morte tão inesperada deve ter sido grande; o país perdeu uma das suas inteligências ainda plásticas, frescas, progressivas. Por mais que ele tivesse para parecer um homem do passado, todo ele era movimento, vida, futuro. A certos respeito, ele foi único entre os nossos homens de indiscutível capacidade."



Um dos últimos retratos de Eduardo Prado

O povo brasileiro

E' esta a pátria nossa amada, que, há mais de 330 anos, a nossa raça lutando contra os homens e contra os elementos, conseguiu fundar. Encontramos dificuldades e obstáculos de que a nossa energia triunfou. Nesta zona tropical, que se dizia inhabitável, levantamos a nossa tenda e, sob o céu dessa terra nova, cresceu e multiplicou-se a nossa raça com a força e a fecundidade das plantas vivas que detinham raízes fundas e estendem longe a verdura das suas frondes. Temos vivido do trabalho, regando com o suor de todos os dias uma terra que só pela violência do labor frutifica e nos alimenta. A lex branca que a nossa raça trouxe da Europa aqui se tem dourado ao fogo de um sol sempre ardente. Temos tomado às terras os largos pedaços de terra, rasgando o seu sembro da floresta hostil: e onde dominavam as febres da terra muelta, há hoje a verde salubridade das lavouras.

Entram pelo nossos portos os navios que nos trazem os habitantes de outras terras que conosco veem trabalhar; e nos caminhos de ferro que fazemos, circueiam em nosso solo a vida e a força. E tudo isso fazemos sendo um povo orando e sociável, que nunca atormentado nem suplicio os fracos, deu liberdade aos cativos, amou a paz e soube repelir pela força a agressão dos fortes."

Eduardo Prado

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 2.^a Série - Antologia da Prosa - XXIII - Lucio Cardoso

Lucio Cardoso



LUCIO CARDOSO

Lucio Cardoso nasceu em Curitiba, Minas, em 14 de agosto de 1914. É filho de Maria W. Cardoso e Joaquim Lucio Cardoso. Com um ano de idade foi levado para Belo Horizonte, e ali fez o curso primário. Em seguida mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez os preparatórios. Neste intervalo voltou a Minas, tendo estudado no Colégio Arnaldo. Recusando-se a seguir uma profissão liberal, escreveu muito moço ainda, em 1933, com o romance "Máscara", que obteve grande sucesso de crítica e do público. Conhecido de todo o Brasil, publicou no ano seguinte o seu segundo romance, "Salgueiro", que despertou viva discussão. Em 1936, lançou "A Luz no sub-solo", por muitos considerado até hoje como o mais importante dos seus livros. Mudando inteiramente de rumo, da-nos a seguir,

"Mãos Vazias", "O Desconhecido" e finalmente "Dias Perdidos". Além disto, publicou um livro de contos infantis, um volume de poesias e finalmente, escreveu, há cerca de dois meses, no teatro, tendo apresentado a tragédia "O Escravo" que agitou profundamente a nossa crítica. No mesmo gênero tem anunciadas "A entediada" e "Os desaparecidos". Promete também, para este ano, a novela "A professora Hilda", da qual damos, nesta edição, um capítulo. "Salgueiro" e "Máscara" estão traduzidos para o castelhano, o primeiro publicado na Editorial Claridad e o segundo na Editorial Emecé. Além disto, "Salgueiro" está sendo traduzido pela sra. Philip Carr para o inglês e o francês.

No prelo, para sair dentro de breves dias, tem Lucio Cardoso o livro "Novas Poesias".

ALGUMAS FONTES SOBRE LUCIO CARDOSO

Agripino Grieco — "Gente Nova do Brasil".
Jayme de Barros — "Espelho das Huris".
Rosário Fusco — "Crítica Literária".
Nelson Werneck Sodré — "Diretrizes do Pensamento Brasileiro".
Adonias Filho — "Cadernos da Hora Presente".
Além de trabalhos esparsos de Tristão de Albuque, Octavio de Faria, Vinícius de Moraes, Luiz Delgado, Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Frederico Schmidt, Jorge Amado, Lucia Miguel Pereira, Octavio Tarquinio de Souza, Roberto Almir Corrêa, Almeida Salles, Oscar Mendes e outros.

Bibliografia de Lucio Cardoso

Máscara (romance) — Capa de Santa Rosa. — Schmidt, editor. — Rio — 1934.

Salgueiro (romance) — 209 pgs. — Capa de Santa Rosa. — Livraria José Olympio, Editora. — Rio — 1935.

A Luz no Sub-Solo (romance) — 429 pgs. — Capa de Santa Rosa. — Livraria José Olympio, Editora. — Rio — 1936.

Mãos vazias (novela) — 181 pgs. — Capa de Santa Rosa. — Livraria José Olympio, Editora. — Rio — 1938.

O Desconhecido (novela) — 250 pgs. — Capa de Santa Rosa.

— Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1941.
Dias Perdidos (romance) — 402 pgs. — Capa de Santa Rosa. — Livraria José Olympio, Editora — Rio — 1943.

Poesias — 102 pgs. — Livraria José Olympio, Editora — 1941.

Histórias da Lagoa Grande (contos infantis) — Capa de Bogard Koetz. — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1939.

O Escravo (teatro) — Representado pelos "Comediantes". 1943.

Novas Poesias (no prelo).

TRADUÇÕES
O Livro de Job.

A Ronda das Estações, de Kállidás.

Ana Karenina, de Leon Tolstói.

As Confissões de Moll Flanders, de Daniel Defoe.

A Princesa Branco, de Maurício Barrig.

O Fim do Mundo, de Upton Sinclair.

Orgulho e Preconceito, de Jane Austen.

Fuga, de Ethel Vance.

Dracula, (Brahm Stoker).

Capítulo de Romance (Final de "Dias Perdidos") - Lucio Cardoso

O vago estremecimento de modo viciado, como se, chegando o fim do dia, o trem fizesse um derradeiro e desesperado esforço para atingir o seu destino. No ambiente estufado, quente e sujo, cabeças sonolentas rolavam no dorso dos bancos, enquanto, ao fundo, junto à porta saculada em longos e pesados estremecimentos, uma criança chorava convulsivamente. A mãe tremia, segurando-a, balançando-a nos braços — e do lugar onde estava sentado, Silvio distinguia apenas aquele monte de flanela cor de rosa que gritava e esperneava. Mas às vezes tudo se confundia aos seus olhos, um nevoeiro espesso, irrevel, aglutinava na mesma densidade cinza o envólucro cor de rosa, o lâmpada presa no alto, os copos nos rebordes e as faces mais próximas. Silvio fechava definitivamente os olhos, sentindo pesar-lhe sobre o coração um estranho e doloroso sentimento de inatuidade. Tudo o que fazia parecia-lhe então uma loucura, o razão parecia misteriosamente dos seus atos, suas decisões se apresentavam como gestos confusos, vagos e irracionais. Com o espírito vazio sem conseguir sulcar aquele sentimento de inutilidade, procurava esquecer o lugar em que se achava, dormir um pouco. A si mesmo, perguntava quanto tempo ainda duraria a viagem. Quando reabrisse os olhos, via de novo a vidraça deslizada, abalada pelo fragor do carro em movimento. O ambiente sufocante, agitava-se, voltando a exalar, com olhos vermelhos e ardentes, a mundo estremunhado e sujo que o cercava. Faces gordas, vermelhas e suadas, sucediam-se em fila regular e cascateante, até se perderem no fundo da porta unividroada, como no fundo de um lago entumescido. Não resistindo mais, ele aborreu bruscamente a vidraça: o tempo surgiu imenso, adormecido

na sombra, uma onda de ar frio varreu a atmosfera morna do vagão. Folhas brancas do leito do estrado, dançavam um minuto junto à janela e iam morrer ao longe, sobre os touceiros de capim. De vez em quando, numa visão rápida uma ou duas coisas emergiam de repente da escuridão, juntas, isoladas, iluminadas por uma luz fumarenta e triste. Mas o trem os devorava de novo à escuridão e o deserto voltava a dominar, coalhado de vagalumes que se alostrovam sobre a vegetação rasteira. Não raro a máquina apitava surdamente e todo um povoado surgia, fôbreas apontavam, chaminés de usinas, luzes que a distância parecia tornar mais débeis. O trem diminuía a marcha, suspirava lentamente, detinha-se aos poucos, vencido afinal, nessa corrida que durava desde o amanhecer. O ruído de ferro morria, enquanto vozes se elevavam no estação. Bandos de moças e rapazes ofereciam numa voz gritada e alfinada bandejas de bolos e copos com limonada. Um cheiro forte de café impregnava a estação. Novo epi surdo e, com um profundo estremecimento, o trem se punha em marcha. O carro deslizava junto à caixa d'água, de onde penitência um grosso tubo de borracha que ainda escorria. A pequena estação ia desaparecendo no silêncio da noite e o campo reaparecia solene, impenetrável, aberto em soturnos brejos onde os supos coxovavam. Silvio voltava a fechar os olhos, sentindo que o pesadelo se apoderava da sua consciência.

Sim, este rapaz obrigado junto à janela, enrolado num capote escuro e com a cabeça inclinada a fim de não ver os outros passageiros, esta criatura franzino e tímido, seria realmente ele? Teria realmente deixado Vila Velha, não

era aquilo apenas um sonho, tivera forças para tanto? Mas aquela coração desconhecido e atordoado com o engano, há muito estava acostumado a conhecê-lo todos as bondades, a distinguir as menores nuances da sua alegria, das suas tristezas, rápidas e humildes alegrias. Era realmente a ele que pertencia aquela área devotada nos seus mínimos segredos. E com curiosidade, quanto mais se aproximava do Rio, menos distante sentia o lugar que o linho de abandonar, onde nascera, crescer e aprender e conhecer o mundo. Como que a distância tornava essa imagem mais forte, mais nítida, devolvendo-a então íntima da neblina com que sempre vislumbramos as coisas que nos são mais próximas. Vila Velha se achava revelada e definitivamente cristalizada na sua consciência, como algo irremovível, eterno, como se fosse parte dele mesmo, dos seus sentimentos, talvez ele próprio.

De olhos fechados, Silvio realizava um estranho mergulho no passado. Toda sua antiga vida brotava do sonho com impetuosa força, nos mínimos detalhes, extravasando em seu espírito como um líquido escuro, ocupando-o em todas as regiões, moldando para sempre a fisionomia dessa região onde só ele poderia penetrar. Naquele instante, reabrindo os olhos e contemplando seus companheiros, uma série de faces grotescas e barbaças, compreendeu com surpreendente nitidez qual a força que o tinha guiado até agora, ou, melhor, qual o sentido dos atos da sua vida. Todos eles tinham sido uma despesa tentativa para equilibrar no mesmo clima alguns seres amados, para modelar com o mesmo metal de silêncio e adoração alguns factos amigos, isolando-os do resto do

mundo e com eles constituindo sua única, verdadeira e insubstituível realidade. Lentamente surgiam das brumas as imagens conhecidas: primeiro Aurea, sobre quem convergia seu entusiasmo nascente, que lhe transmitira os primeiros graves rancões da existência, talvez única e poderosa imagem da sua infância. Lá estava ela, irremovível, ocupando orgulhosamente o seu lugar. E depois Clara, com quem lutara durante tanto tempo, fugindo, negando-se, incapaz de se desprender do seu próprio mundo, girando como uma estrela alucinada, até vir finalmente a se abater junto dele, tanta, perdida, imagem fragmentada de uma ambição já mais recompensada. E durante todo esse tempo Jaques não fora sendo um mito, não existia para sua infância, seu nome nem sequer fora pronunciado uma única vez. Mas vieram Diana, Camilo, outros amigos menores, vultos mais pálidos, delimitando ao longe as fronteiras do mundo vazio. Sim, agora Silvio sabia que essa harmonia sonhada só fora conseguida durante um certo momento, rápido fulgor na céu da sua infância, diminuído fração de tempo em que todos os desejados se haviam colado e os estréles haviam consentido em order silênciosas e grandes no abóbado levantado pelo seu entusiasmo. E depois fora tudo um estacamento, os seres se desajustavam nas órbitas sonhadas, Jaques surgia, correntozos apostos começaram a orrestá-lo, Esperança, Lina, todo o caos que, afinal, estabelecia o seu melancólico domínio. Mas há pessoas que já mais se curam dos seus próprios sonhos: quanto mais violenta é a queda, mais alto voltam a colocar suas aspirações. Onde quer que fosse, em que mundo extraordinário e novo penetrasse, Sil-

vio carregaria sempre a ideal desse horizonte perdido, desse mundo perdido, criado à imagem do outro, sem os seus orbes e as suas abismos. Mas os homens não amam os orbes e o destino dos estréles costuma-lhes virar-se. Espelham, tombavam da alto, como se fossem soprados por um vento maldito. E Silvio se encontrava só, com imagens que nada mais exprimiam, incapaz de reajustar aqueles fragmentos, sem poder reconhecer nesses vultos observados a meio pelo noite no esquecimento, os seres que tanto amara. E um gemido se elevou do seu coração: que sustinente realmente dessa implacável instrução que o tempo opera sobre os seres e os coisas que mais amamos? Que resiste a isso, corrupção lenta e invisível, a esse fogo que nos poupa coisa alguma?

Silvio agitou-se no banco e reabriu os olhos, fitando de novo a paisagem. O mundo parecia-lhe de repente mergulhado numa incurável e mórbida tristeza. As pessoas que o cercavam surgiam ao seu olhar numa realidade inquieto e profunda, afetos resacados pela falta de amor, pela ânsia de prazer e por uma diabólica obstinação no erro. Ali estava precisamente uma imagem desse mundo devorado pelo sofrimento e pela vulgaridade: a senhora do fundo ainda lutava com a criança pálida, descaibindo, procurando em vão sulcar o acesso de tosse que couvava a fumaca do charuto do vizinho. Como ao mesmo tempo procurasse desembaraçar uma pequena mole sob o banco, Silvio levantou-se para ajudá-la, sem conseguir reprimir o densa irritação que se apoderava dele. A mulher agradeceu-lhe no entanto com um olhar tão úmido e colorado, que ele se sentiu envergonhado. No momento em que ia se retirar, um gesto menos nobre do

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

mulher fez a mala notar e abrir-se no chão, deixando à mostra uma porção de mulecões, pentes, escovas, meadas de fitas que se desenrolavam na assadeira suja do vagão. Sílvia abismava-se para aliada lá, suas mãos se confundiam, enquanto ela ria, procurando desculpar-se. E do mulher se desprendia um cheiro morno e familiar, uma mistura de suor e sabão barato. Depois de recolocar os objetos na mala, agradeceu ao rapaz, voltando suada e vermelha a cuidar da criança que esperneava.

Sílvia foi voltar ao seu primitivo lugar, quando a trem apitou. Uma estação devia estar próxima, ele abriu a porta envidraçada e colocou-se junto à balaustrada. O vento forte agitava-lhe os cabelos. E realmente um povoado surgiu ao longe, solitário como um pequeno oásis de luz no deserto da noite dilatada. O trem deteve a marcha e Sílvia ouviu o guarda-freios que batia nas rodas. Depois de alguns minutos, a viagem se reiniciava.

Agora voavam de novo em plena campo. Sílvia reparou que do outro lado, do ponto onde a noite parecia menos densa, alargava-se ainda uma enorme esteira vermelha. Símbolos espectrais de árvores e montanhas se recortavam contra esse fundo cor de brasa. Durante algum tempo ele aspirou com força a úmida perfume da campina, recordando alguns odores que lhe eram bastante conhecidos, odores que o acompanhavam desde a infância, misteriosos, persistentes, rebrandando inesperadamente de gavetas fechadas, das ervas umedecidas pela chuva, do ar primitivo, onde se diluía a respiração doce das magnólias. Tudo aquilo lhe fazia lembrar coisas desaparecidas há muito, imagens que no momento não pareciam destinadas a permanecer, mas que agora resurgiam intactas. Revia Aurea inclinada sobre o grade do jardim — essa grade que estava em quase todos os seus sonhos, verde-escuro e semi-arruinado, onde se

debruçavam tantos vultos queridos, junto da qual tantos momentos graves e belos se tinham perpetuado — conversando com Maria Ernestina que agitava os braços do lado de fora. Envolviam a respeito de flores, e esta última mostrava à amiga uma grande orquídea branca que fora colher no campo. Via Clara também, a tesoura nos mãos, podando a arva doninha que ameaçava os roseiros. Quantas vezes a vira cumprindo o rito humilde e familiar? E Jaques também, e Jaques, sobretudo, com essa nítida consciência com que costumava vê-lo ultimamente, sentado à sombra do pé de acácia, frangendo no pescoco o velho chale. E dia a dia não sentia ele se tornarem mais vivos seus pontos de contato com o pai, mesmo nas atitudes mais desprevidas e nos momentos mais destituídos de importância? Não sentia hora a hora crescerem essas semelhanças vivas de tão longe?

Mas surgiam outros tempos, um vento escuro e tempestuoso soprava de longe. Revia Diana, aspirando uma flor na mão da estrada, o rosto pálido, já devorado por essa sede de viver que ainda a levava à destruição. Junto dela, Chico, com seus sapatos brancos, seu ar esportivo, sua falsa e perigosa mocidade. E mais longe, como um pávido fantasma emergindo de éras remotas, Lino surgiu cravando nela os olhos interrogativos e admirados. E tudo isto permanecia isolado, fechado no seu conhecimento como um terreno outono, um bem que não se perdia mais. Onde quer que fosse, sentia sempre a presença dessa infância, dessa verde ilha de felicidade, desse terreno que a vida misteriosamente preservava como um dom da sua natureza.

Mais uma vez o trem apitou, e Sílvia viu uma fleira de luzes que surgiam na escuridão. Eram os subúrbios do Rio, a viagem se aproximava do seu término. Qualquer coisa obscura agitou-o, seu coraço

pôs-se a bater com pancadas mais fortes, enquanto ele se debruçava, além de ver melhor o lugar a que chegavam agora. Coisas se amontoavam umas sobre as outras e, de vez em quando, no meio das suas sombras fechadas apontava a face iluminada de um cinema. Uma fleira de lâmpadas coloridas balançava-se ao vento. Nos esquinas, um lampião solitário espelhava uma luz grosseira. A cada um desses detalhes, Sílvia murmurava: "É o Rio?", não com o interesse de quem vê a cidade pela primeira vez, mas como quem descobre finalmente uma imagem perdida há muito, um rosto esquecido e opeador de tudo cordial e familiar. Pois era de Diana que ele ainda se lembrava, não a Diana que deixara em Vila Velha, mas a que perdera um dia — não a criatura incoerente com quem se casara, mas aquela que vira pela primeira vez no "carrousel", sua primeira namorada. Sim, apesar de tudo, aquela imagem ainda estava viva dentro dele, viva como no primeiro instante, quando no "carrousel" ela inclinara a cabeça para que vaces ao vento. Qualquer coisa enorme se diluía na sua alma — algo substancial, uma pequena e sagrada parcela escapava à fúria da morte. A medida que se aproximava do Rio parecia-lhe ouvir de novo a voz do companheiro, denunciando na paisagem desconhecida semelhanças com os lugares outrora tão amplamente descritos. Era assim que aquela casa de fachada vermelha, aquele jardim de luzes espaçadas, os caminhos altos e até mesmo os vultos dos transeuntes, tudo trazia à memória de Sílvia a imagem de Diana, não uma imagem fragmentada, mas uma criatura afinal, sem parcelas na sombra, sem lugares sem mistério na vida passada. E ao penetrar finalmente nesse terreno que lhe fora roubado durante tanto tempo, sentia a figura ideal

levantar-se dos seus próprios escombros, eterno, inflexível, não mais incorrendo a fracasso de uma única impossibilidade, mas como a símbolo intangível da mulher que nos foi destinada, que procuramos sempre e não encontramos nunca. Não tentel colocar muito alto um ideal que não merece, pensou ele, reportando-se a fatos antigos. O meu erro foi ter tentado fazer baixar do alto um ideal que não pôde viver entre os homens. Agora, ele o possuía como sempre devia ter sido uma visão, um sópo inspirador, alguma coisa de muito puro e frágil, acima de nós mesmos, dos nossos erros e das nossas paixões, livre da destruição imposta pelo tempo. Só desse modo a imagem da mulher podia durar em nossa alma, não visível, presente e mortal às lutas da vida, mas como o próprio símbolo do amor, alto e melodioso como uma música sobrenatural.

O trem ainda avançava velozmente, com opitos roucos, prolongados. Através da porta envidraçada, Sílvia via os pessoas que se agitavam no interior do vagão, alguns sobraçando embrulhos e capotes, outros amoleitados pela viagem e pelo cansaço, preparando-se para a descida. Entrando, uma força desconhecida retinha-o naquela balaustrada o rosto pálido de carvão, cabelos revoltos, e quanto a cidade ia crescendo, tomando formas, surgindo inteira aos seus olhos óvidos.

Uma réstia de campo ainda se via no fundo do horizonte — e lá, no céu já completamente escuro, nítida e solitária, brilhava uma enorme estrela. Sílvia indagava e si própria se Diana também não o a tinha visto um dia — e aquela cerca de arame que separava o rio da via férrea, o viaduto de cimento e a quarta do chefe da estação. Sua impressão era tão real que ele chegava a ouvir-lhe a voz, dizendo: "Você nem imagina co

mo lá tudo é bonito!" E tentava descobrir novos detalhes da paisagem, indiferente ao vento e ao calor, cega pelo desejo de contemplar o sonho com a realidade. Enxameia a trem avançava num impeto cada vez mais surdo, não sentia reatolar-se no seu íntimo, poderosamente, o mito da sua infância. O Rio, que tanto odiara, devolveu-lhe afinal a Diana que encheria nos tempos passados, uma Diana sem segredos, perfeita em seus menores fragmentos, nos detalhes mais ínfimos. Era com uma estranha sede que ele se apoiava de tudo aquilo que desconhecera e por cuja razão tanto sofrera. Desejava que tentava reter alguma coisa prestes a desaparecer na correnteza, nessa terrível e insubstituível correnteza que nos leva aos poucos tudo o que possuímos, dias, horas, minutos, desejos, emoções, lembranças e presentimentos, com a pressão e a indiferença das águas que erram destróios para o tempo remoto, senhor absoluto de todos os nossos perecíveis deste mundo.

Seria apenas uma ilusão? Sílvia sabia que não podia viver criar dentro de si a imagem de alguns deuses terrenos e inalcançáveis, alguns sentimentos que fulguravam premonitivamente à existência sobre a terra. Ele sabia disso e tinha a consciência de que alguma coisa se salvaria do invisível naufrágio. Experimentava si próprio e duvidava ainda, e enquanto a trem continuava avançando, na sua cabeça ele projetava um derradeiro olhar à treliça que ficava ao longo, alta, solene, brilhante azul no invisível silêncio da noite. Fará isto com quem conta o futuro, à prova de uma força qualquer que o ajudasse a enfrentar o dia ainda lá estava reservado. E compreendia que não se enganava e que uma pequena imagem existia no fundo da sua alma. Calma, devia ele novo à vida, prometo a presença dos homens o seu grande sofrimen

BAUDELAIRE

Quando Baudelaire fala tão asperamente dos Estados Unidos, lançando sobre eles todo o seu furor e todo o seu desprezo, acusando-os de não merecerem a glória de terem sido o berço de um poeta como Edgar Poe, não o escutemos senão a meio — é que sob as suas palavras, o poeta das "Flores do Mal" esconde a mesma acusação e a mesma pergunta ansiosa que paira sobre o seu próprio destino. Porque, na realidade, qual a terra que produz um gênio por merecimento, qual a que compreende o desabruchar dessa flor que gerou misteriosamente nas suas entranhas, qual é aquela verdadeiramente nobre que o reconhece nos instantes supremos da sua vida — esses instantes, entretanto, que são como um relâmpago na culminância do seu próprio destino, uma fenda aberta bruscamente na face obscura que cada nação modela para a eternidade. Esses momentos, repito, quer seja o da capitulação de um Goethe batizado no rio da sua vida da legenda olímpica que criara, quer seja o da revolta de um Byron que vai à matar a sua nos campos da Grécia, quer seja aquele em que Dante é lançado no exílio, em que Rimbaud se consome como uma estrela cadente no deserto africano ou que Verhaeren mergulha no fundo de uma prisão — qual dessas nações privilegiadas ousou reconhecer nestes minutos dramáticos uma parcela do seu luminoso destino em movimento?

E que o gênio é em excesso, uma perturbação da ordem, o aparecimento de um clandestino, nessa viagem cujo mistério nivela tudo. Não nos enganemos: pela sua própria condição, é ele o que não cabe em parte alguma.

A vida tem os seus concettos, os homens a sua ordem, a sociedade uma hierarquia perfeitamente organizada. Tudo o que nasce traz o seu lugar marcado de antemão, traz os seus direitos estabelecidos e limitados. Como situar pois estas forças desconhecidas, esses seres que não se submetem ao fácil contrólo dos outros homens, que estabelecem uma ordem de natureza própria, que desdenham as hierarquias e se dão um direito que não cabe a nenhum outro?

Ninguém melhor do que Baudelaire sabia disto. A sua vida inteira se coloca sob o signo deste trágico conflito, pois ele pertencia a essa raça dos que se sentem marcados desde o berço, de raça desses que arrancam das mãos as piores blasfêmias. Esta marca terrível, que ele próprio tentou encobrir com tantos nomes — "épícteto", "tédio", "desespero" — no fundo nada significa, senão a sua radical incompatibilidade com a vida. Como soube ver tão bem Charles du Bos, Baudelaire era um desses raros e quem a vida nada pode oferecer, nenhum con-

forço, nenhuma promessa, nenhum esquecimento, porque ele repudiava tudo, porque nenhuma parcela do seu ser se conjugava com os divertimentos e a capacidade de esquecer dos outros homens. Ele era integralmente original, um desses espíritos formados de uma só substância, de uma só matéria espessa e irredutível, de um só trágico sentimento: o do supremo horror e o da suprema beleza da vida. Para Baudelaire tudo resistia nestes dois polos. E ele próprio quem nos diz: desde cedo conheci o horror e o êxtase da vida. Desde cedo pois soube como mergulhar nesses profundos recessos, nessas camadas noturnas da vida de cujas trevas tantos não souberam encontrar o caminho de regresso; e desde cedo também, soube ver essa beleza patética que lhe imprimiu o seu mais trágico emblema: o do irremediável efêmero. Tocamos aqui um dos pontos essenciais da natureza de Baudelaire: nele se concentra o que de mais puro existe na sua poesia, nele se cristaliza um dos seus gritos mais constantes e mais dolorosos.

Para os poetas o passado é como uma segunda natureza, ele não se afasta jamais, não constitui esses terrenos fechados, esses lagos de água estagnada que tantos homens arrastam após si. Se nada permanece, para o espírito também nada morre. Basta fechar os olhos para sentir a imagem gravada indelevelmente no fundo da consciência. E também é este um dos pontos mais graves da divergência do poeta para com a vida: ela não permite que volte-mos impuneamente os olhos para trás.

Baudelaire sabia disto e o exprimiu admiravelmente, ao constatar que a ideia do passado era um pensamento que perava a loucura. Entretanto, qual o significado profundo da escuridão deste homem à memória, o que significa o seu grande grito: tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos? Não será ele forma mais viva de um castigo que recebeu com o próprio dom da existência? Porque não é só o que se relaciona diretamente com a sua própria experiência que o persegue como uma obsessão; é antes de tudo a infiltração desses obscuros ramorosos, dessa dolorosa consciência que vem do drama do primeiro homem. O mistério de Baudelaire repousa no próprio mistério da espécie humana. É o enigma da sua degradação, é a vertiginosa consciência da sua queda, do pecado cometido, da falta a resgatar. A projeção das "Flores do Mal" não é uma projeção latente senão em relação à consciência cristã do poeta; desde fundo jamais oculto da alma de Baudelaire é que o demônio arranca a sua desmesurada grandez. Toda a sua existência foi um testemunho contínuo da sua natureza cristã. Não é possível se enganar com os artifícios deste

homem, que dá impulso ao nascimento de tantas lendas terríveis, que pinta os cabelos de verde, que se arvora a flor da ociosidade e do luxo, que sustenta amantes exóticas, que pavoneia a sua superioridade e os seus conhecimentos, que se rebela contra Deus num punhado de versos obscenos. Esta é a imagem utilizada pelos burgueses. Nós sabemos que ele mora no fundo de uma mansarda infecta, que a sua amante agoniza num leito de hospital e que é ele quem lhe paga todas as dividas; nós sabemos que os crendores o perseguem, que ele luta contra o seu padrasto, que as suas visões satânicas são a inversão da sua consciência martirizada. Nós sabemos de tudo e de muito mais ainda. Conheçamos até mesmo as suas orações secretas, esses gritos e essas imprecações lançadas no silêncio, entre quatro paredes, quando tudo parece se estalar irremediavelmente; se quisermos traçar a sua imagem autêntica, temos que ir consultar as cartas escritas à sua mãe, a alguns amigos, as suas notas, os seus diários íntimos. Só aí estarão fixados esses dias destinados a se repetir indefinidamente, esses dias que não raro parecem concentrar todo o tédio e toda a amargura no espaço de um só dia. Quem não conhece esses inesquecíveis quadros de "Splice", essas horas centenas de chuva, essas gavetas abertas onde jencem nelhas recordações de amores defuntos? A vida de Baudelaire é um irremediável fracasso. Na realidade, como aceitá-lo, como pactuar com as pequenas satisfações que os homens se concedem, como se divertir, quando ainda não estamos surdos ao clamor dessa herança, quando em nós, como rápidas imagens, emergem silhuetas confusas de um paraiso que outrora habítamos? Nem tudo está morto no homem. E em vão que ele queima o seu melhor incenso ao progresso, a máquina a vapor, ao gás, ao luxo das mulheres...

Na realidade, diz Baudelaire, só existe uma forma de progresso: a de diminuir as marcas do pecado original. Que significam estas palavras na boca de um homem que ainda ontem tocava os limites do rebeldia humana, tentando cravar um punhal no coração? "Mostrai bem o meu exemplo, diz ele no hithete detizado, e como a desordem do espírito e da vida leva a um desespero sombrio e a um aniquilamento completo". Antes ele tinha dito ainda: "Eu me mato porque sou inútil aos outros e perigoso a mim mesmo".

Esta noção da sua degradação e da sua inutilidade com o extremo reverso do homem que se expulsa com as suas ruínas entorpecentes, com o apatito e com "hachich", com toda a sorte de excitantes que lhe tombavam nas mãos. São os fundamentos



CONTEMPORÂNEA -- 2.^a Série - Antologia da Prosa - XVIII - Lucio Cardoso

UM CAPÍTULO DE NOVELA INÉDITA - Lucio Cardoso

— De longe, da escada alinda, ouvia o riso da Felícia. Era um riso claro, comunicativo, um riso aberto, que parecia que havia muito dentro do sol da terra, que amadurecia os frutos e aquecia os homens. Ainda não tinha visto o rosto que deixara a Fazenda das Taboas — mas, delirando-me te presente no meio da escada, fechando os olhos, lembrando-me não na pequena que deixara há muitos anos, ainda envolva em meus braços, mas da outra, da mãe, daquela que conheceu tão rucho na força da mocidade, e que a morte arrebatara tão cedo, era ela que eu via naquele instante, ao escutar o riso de Felícia — e como este som argentino, claro como o de uma onda de certos partidos, revolvia-se em mim emoções apuladas há muito, imaginei o que seria desta também qual a sorte que lhe estava reservada, que destino amargo também diluiria no seu rosto essa expressão de felicidade que eu já adivinhava pela simples sugestão do seu riso.

Por detrás de mim o tropeiro tocava com a mala:

— O senhor está esperando? — Não! Não! — exclamei eu, continuando a subir, não estou esperando coisa alguma.

E apesar de tudo, novas e diferentes sensações me assaltavam, ao reconhecer um a um, curiosamente, os detalhes da varanda em que penetrava agora — e a minha vida antiga, Margarida, nossas lutas e a minha re-

minência, todos esses episódios de uma mocidade agitada e já esquecida se desenham novamente nos meus olhos. Não era ali naquela cadeia de balanço, sob os galhos do jasmineiro que se abraçava às colunas da varanda, não era naquele remanso de sombra que ela costumava descansar a maior parte do seu tempo, lendo ou meditando sobre o fustasire em que se combatia o seu casamento? E as crianças de ferro que sustentavam a rede onde aquelas três a via, adormecida, o pequeno lapete de laranjas em que pousava os pés nedeiros e até mesmo — Deus meu! — o livro no lado, o livro que ainda estava...

Alguém tocou junto de mim. Voltei-me: era Ruyterio. Adiantou-se um passo para mim e friamente, tal como sempre fluía, de modo solene e artificial, estendeu-me a mão:

— Bem-vindo seja de novo a esta fazenda, mano.

— Cumprimental-o do modo mais cordial que pude, enquanto ele pagava de novo, mostrando o seu embaraço, olhei para fora e mostrei o terreiro limpo da fazenda.

— Tudo em ordem, não? A mesma vida antiga...

Ele convidou-me a sentar, com um gesto de pesada nobreza. Arcoado nas velhas cadeiras de vime, fez um sinal ao tropeiro para que levasse a bagagem para dentro. Depois, com aque-

la impaciência que sempre o caracterizava, apoiando a cabeça ao espaldar da cadeira, entrou direito no assunto que o preocupava:

— Si mandei chamar, mano, é que preciso muito do seu auxílio.

— Sei disso, respondi eu, Felícia...

Ele moveu a cabeça com violência:

— Felícia? Não, não é por Felícia. E coisa mais grave. E com um suspiro, que parecia trazer um ar mais sério ainda à sua fisionomia:

— São coisas mais graves, coisas que eu considero segredos de família. Você decerto...

— Oh! não é preciso recomendar nada! — exclamei eu, já percebendo onde ele queria chegar. As nossas antigas disputas...

— As nossas antigas disputas nada têm a ver aqui, respondeu-me ele secamente.

E com um novo suspiro, olhando-me de alto a baixo:

— Deixemos isto para mais tarde. Você deve estar cansado, não?

— Um pouco, respondi, a viagem é cansativa.

Minha resposta pareceu contrariá-lo. Balanceou de novo a cabeça e retomando a bengala que nunca abandonava, dispôs-se a acompanhar-me aos meus aposentos. Aquela hora, toda a casa estava mergulhada em profunda quietude. Da sala dos fundos, porém, vinha o som de

um piano; adivinhei Felícia inclinada sobre as teclas, decifrando o algum difícil estudo dos cadernos amarelados que tinham pertencido à Margarida. E ao mesmo tempo, enquanto atravessávamos a sala e o vasto corredor examinava a figura de meu irmão, de costas ante mim. Há muitos anos que eu não o via; há muitos anos que eu abandonara aquela casa, disposto a viver por minha própria conta. E não fora muito longe dali, em plena estrada ainda, que voltando para trás compreendi o segredo daquela casa e senti-me ferido pela grata de Deus. Fiz-me religioso, envervei a batina, afastei completamente o meu caminho daquele que Rosário trilhava. Lembrou-me bem dos seus remos e das palavras de zombaria que mandava-me dizer. Mas então, como agora, minha atitude era inabalável — de nada podia contra mim, como aliás nunca o pode em coisa alguma, apesar da sua tremenda força. Passado tanto tempo, era ele próprio quem vinha a mim — o hiato de silêncio estava atravessado. Confesso que esperava encontrar um outro homem — e caminhando agora pelo corredor, examinava-o e sentia-o a mesma creatura de outrora, violento e intratável. Por certo havia envelhecido; todo aquele rubor que parecia conservar na sua face, constantemente, uma vaga de concentrada ira, de mancha-se em moles papadas que deformavam toda a nobreza dos

seus traços. Mais havia nele, atualmente, qualquer coisa de vivido e de cruel, uma outra expressão resignada e má, como a de certos homens que não ignoram o sombrio destino que esprecho. Via-se, pelas suas movimentações medidos e astuciosos que sabia muito bem que ele se encontrava em luta contra os homens. Às vezes, julava perceber alguma coisa mais, um ponto mais profundo desta negra consciência — era quando, por exemplo, ele dava um pontapé na porta, para abri-la, e me fitava, como se desafiasse a minha reprovação. Al eu sentia que não era tão simples como imaginava e que havia algo de mais profundo e de mais descepoado na sua revolta.

— Cosará aqui de uma bela visita, disse-me ele, prendendo a janela de guilhotina.

E como eu tentasse ver por cima dos seus ombros, altos e largos ombros que me furavam toda a claridade, ele sorriu com desdém:

— Arho que você aprecia estas coisas, não?

Nada respondi, contente em me debruçar à janela. Ao longe, no grudo nu e esdrolado algumas aves passavam.

— Espere-o para o almoço — disse-me ele. Tria oportunidade de conhecer Felícia.

E saiu, pisaricando e batendo a porta.

- LUCIO CARDOSO

na sua revolta, o seu dilacerante protesto contra as duras imposições da vida, contra a engrenagem tão laboriosamente construída pelos homens e pelas coisas para sufocar todo desejo de redenção. Ainda assim, Baudelaire era descepo para quem a humanidade era a forma mais fácil de aniquilar.

Não é possível explicar de outra modo esse gosto da fadiga, essa necessidade do drama que faz certas criaturas procurarem continuamente as condições mais elevadas, os climas extremos onde sopram os mais furiosos ventos das paixões humanas. Essa rebelião é o signo das almas fatadas, dos que não sabem viver sendo tangendo as suas cordas suaves. Quase sempre, é verdade, elas se angustiam sob o impeto dessa força que descepocearva. Ninguém brinca impunemente com as forças do absoluto.

Quase sempre, como Holderlin atacado pela loucura em plena mocidade, arrastado durante quase quarenta anos uma vida de insupportáveis martírios — como Keats, morto aos 24 anos de idade, depois de levar nos últimos tempos uma tão dilacerante existência que ele próprio a intitulava de "vida por-tuguesa" — como Chatterton, a quem o desespero e a indiferença dos contemporâneos levou ao suicídio aos dezesseis anos de idade — quase sempre elas não conseguem sendo comprometidas de modo irremediável uma existência para que não foram feitas. Mas a capacidade do compromisso é a capacidade dos gênios. Poderemos perguntar: que descepo eles, que mistério os obriga a lutarem contra a vida, a não aceitarem os privilégios que bastam aos outros, a não se submeterem? Pois uma verdade seja dita: em cada uma destas atribuladas existências, ao menos "uma vez" deve ter surgido a possibilidade do resgate, da entrada no caminho certo. Ao menos uma única vez deve ter vindo a mão descepo criaturas maléficas a possibilidade de transitar, de preferir o conforto, a estabilidade dos neblhões, a quietude do lar, a presença dos filhos, em vez da lancura, da dor, da ruína e da morte. Ao menos uma vez o destino deve ter oferecido a estes homens a possibilidade de regressarem ao normal — ou no que os homens estabeleceram como tal.

Nenhum, entretanto, aceitou o proposto tentadouro. E nenhum negou do que Baudelaire. A sua existência é inteiramente, judicativamente a de um insubmissivo. Se a examinarmos de mais perto, nos documentos e nas memórias deliradas verificamos que ela foi um conflito dentro do seu tempo. O elemento ausente dessa sociedade que respirava era a grandeza, não a grandeza comum, mas a grandeza natural e absoluta da "cultura humana" na consciência do seu drama e do seu destino. Mesmo o decênio, na França, era material de ope-

reta. Para Baudelaire, que não podia dormir em so instante, cuja vida constituía uma perpétua defesa contra os cilícios que nos levou a morte espiritual — e sabemos que ele não recuava diante dos remédios mais perigosos — para ele, que conseguia ser um dos poucos homens a quem a tolice jamais tocou com a sua sombra impura, que significavam essas palavras de ordem transmitidas pelos conquistadores do seu tempo? "Os vencedores são uns miliares de anos de tempo." Ele não se deu momentos de coiceza, não se deixou, ele como se exprime ainda: "... toda esta tal modernidade me faz horror. Vossas acadêmicos, horror. Vossas liberais, horror. A vir-lude, horror. O rico, horror. O estilo esdrolado, horror. O progresso, horror! "

Max Scheler, falando do modo por que a filosofia moderna encara o ato do arrependimento, afirma que ela o desconhece tanto como esses profanos em medicina, que não sabem ver em certas afecções da pele, em certas lunares ou erupções, outra coisa além de uma repugnante doença orgânica. Entretanto, diz ele ainda, estes fenômenos representam uma operação bastante sutil e engenhosa do organismo, libertando-se de determinados venenos por auto-cura. E é este também, o significado profundo da revolta de Baudelaire. A sua explosão, um melhor, a explosão de todos esses que de tempos a tempos assimila perturbar a ordem do mundo com a sua inquietante presença, é um fenômeno de auto-cura contra a irremediável desgraça de viver num mundo a que subtraham todos os seus elementos de grandeza. Mas o que impedia esta explosão de ser um abominável ato de orgulho, um descepo "dos orgulhosos" semelhantes a tantos que se processam no nosso tempo? É o arrependimento, inseparável da sua consciência cristã. É verdade que este arrependimento e como se fosse um raio de luz nungundo do fundo de um abismo. Mas a própria profundidade deste abismo, é que dá a essa projeção toda a sua força espiritual. Força e parecia, poi todo Baudelaire é um clamor contínuo e desesperado pelo que de melhor existe no homem, é um grito constante, uma luta descepoada pelo aperfeiçoamento. Mas, o dele, tão grande ambição se chocava continuamente com as nossas miseráveis possibilidades. E há momentos na sua vida, que sentimos bem o espanto com que ele próprio contempla a inutilidade na sua luta, o fracasso rutinario dos seus desejos. É quando nos diz, por exemplo, que entre a sua vontade e a sua capacidade se passa alguma coisa de ininteligível. Porque, repito ainda, o seu mistério se descepoa sobre o próprio mistério da espécie humana. Nele vive certa toda o impeto o insubmissivo furor das forças eternas, aprisionadas num corpo voltado para o limbo de que foi criado. Basta contemplarmos uma única vez um dos seus retratos, para compreendermos diante de que trágico e

insolúvel destino nos achamos. Diante dessa grandeza pelo que de mais amargo existe na existência de cabeça alçada para trás, diante dessa pureza humana, como não reconhecer o esdrolado e a agonia do poeta que se consome numa corpo miserável, esplendor de quem possui o perlo nas suas convulsões maníacas do vício, do que arde sem poder se liberar da forma esdrolada que o alívio nos melhores desejos.

Baudelaire é um descepo pouco que soube arrancar da sua iniquidade um tão lucido e amargo clamor de desespero. Nem mesmo a voz de Verlaine, nos seus mais eloquentes momentos, consegue uma tão profunda e trágica ressonância. É que Verlaine sabe gemer depois de se achar livre, enquanto a sombra da loureja. E Baudelaire jamais foi livre. Os seus gritos são os de um prisioneiro. E mesmo esse oceano de fraquezas que foi Proust, mesmo esse Proust em cuja carne o vício marcou as suas mais terríveis e esplendorosas chagas, consegue ultrapassar a emoção do "criar" das "Flores do Mal". É que Proust descepoa ao mal como quem descepo o destino último, a forma de o de não e possível não subir, onde nenhum rasto de luz penetra, onde tudo se cala como num deserto.

E quando Baudelaire fala, sentimos que é o mistério da nossa própria condição, as forças para permanecer na noite obscura da queda, consumida por essa tremenda noção do pecado que marca as suas costas como uma cruz de sangue. Verluine tremou o que foi, num passado por ele inteiramente renegado — Proust o que é e o que será eternamente — mas Baudelaire injuria a fraqueza que o alívio tão baixo, quando o destino, ele bem o sabe, é subir a todo momento, e subir tão mais alto quanto mais baixo ele descepo.

Não foi das culpas que ele criou a prova do seu resgate. Certo, nada existe de mais pitorescamente estéril do que o vício sem gênio. E quando assistimos a passagem deste destino em consumição, sabemos que é descepo pelo que ele faz nunguns as suas qualidades mais raras e mais secretas, que é aquela chama que ele vai parificar a que de melhor existe na sua vida. Ele como sobrevive no período mais atormentado da sua existência, pouco antes do aparecimento das "Flores do Mal".

"Descepoado de todos e descepoado de mim, queria respirar-me e subverter-me um pouco no silêncio e na solidão da noite. Alvo destes que eu amei, alho destes que eu cansei, fortificantes, anuparal-me, afastados de mim a mentira e os rapores corruptores do mundo; a nós, Senhor meu Deus, concedei-me a graça de produzir alguns belos versos, afim de que eu possa provar a mim mesmo que não sou o último dos homens e que eu não sou inferior a estes que eu desprezo."

Palavras que enganam o tradutor de inglês

MISS
HULL

Intelimos na semana passada a publicação de um a mais, capítulo da obra "Aids to the Study of English", de autoria de Miss Hull, catedrática de língua e literatura inglesa na Faculdade Nacional de Filosofia. O capítulo referido se intitula "Cat Chy Cognates or Deceptive Doubles" título que, segundo Miss Hull, foi usado por uma publicação americana em referência à correspondência de sentido de certas palavras entre o americano e o espanhol.

Antes de publicar a segunda parte do interessante estudo da ilustre educadora, devemos antes corrigir duas falhas de revisão ocorridas na primeira série e referentes às palavras:

3 — Advice — Counsel. P. conselho, aviso, notificação. / E.

4 — Notice; to advise — To counsel. P. aconselhar, avisar, prevenir, advertir. / E. Inform, warn.

27 — Constrained — forçado, intimidado; contrafeito. / E. The same as above; embarrassed, shy.

CAT CHY COGNATES OR DECEPTIVE DOUBLES

31 — Convenience: Suitability; material comfort. P. Condição. / E. Conveniência; Convenção, uso da sociedade. E. Seemliness, expedience propriety.

32 — convenient: Suitable; not troublesome. P. Condição. / E. Expediente; aceno; proper.

33 — Convinced: Firmly persuaded. / P. Convicto. / E. Concedido. Chelo de al. vaidoso. / E. Concedido.

34 — To rage with: Contend or grapple with. / P. Enfrentar, fazer face a. / E. Lopor. / E. Lopor. / E. Lopor.

35 — Delicate: Not robust in health. / P. Frágil. / E. Delicado. Educado. / E. Refined, polite, well-bred.

36 — Demoralise: Corrupt, deprave. / P. Corromper. / E. Desmoralizar. Manchar a boa reputação. / E. Discredit.

37 — Devise: Invent. / P. Inventar, Idear, arranjar. / E. Divisar. Marear; distinguir, perceber; descobrir. / E. Make out, perceive.

38 — Diction: Phrasing, verbal style, choice of words. / P. Fraseado. / E. Diction. / E. Diction.

39 — Disgrace: Shame, ignomy. / P. Vergonha. / E. Desgraça. Desventura. / E. Misfortune.

40 — Disquiet: Lethargy. / P. Nojo. / E. Desagosto. Pesar, mágoa. / E. Grief, sorrow.

41 — Distinguished: Famous, outstanding, renowned. / P. Célebre. / E. Distinguido. Que tem distinção de porte; diferente. / E. Cultured, gentleman; diferente.

42 — Distracted: Bewildered; crazy, mad. / P. Desorientado; desvalrado, doido. / E. Distráido. Desatento, descuidado. / E. Absent-minded.

43 — doe: Female of buck deer. / P. Corça. / E. doe: 3ª Pessoa sing. do verbo deer. / E. It hurts.

44 — drug: Opiate; unsalable commodity. / P. Entorpecente. / E. droga: Ingrediente farmacêutico; coisa impracável. / E. Medicine. second meaning above.

45 — Editor: Conductor of newspaper. / P. Redator. / E. editor: Quem paga as despesas da publicação. / E. Publisher.

46 — Educated: Intellectually trained. P. Instruído. / E. educado. Criado; fino. / E. Bred, generally well-bred; refined.

47 — Education: Intellectual training. / P. Instrução. / E. educação: Instrução; Polidez, cortesia, delicadeza. / E. Education. breeding.

48 — Engine: Locomotive, machine of any kind. / P. Locomotiva. / E. engenho: Talento; Faculdade inventiva; estabelecimento agrícola destinado a cultura da cana e fabricação do açúcar. / E. Ingeniousness: sugar mill.

49 — Evidence: Testimony in Lawcourt, obvious indication. / P. Testemunha. / E. evidencia: Certa manifestação; condição de uma pessoa ou coisa que atrai a atenção. / E. Certitude.

50 — Expedient: (Adj.) Advantageous, politic; (Noun) Temporary device. / E. Conveniente. / E. expediente: Subs. Recurso; horas em que o público é atendido em repartições. / E.

50 A Explore: inquire into, investigate, examine. P. Pesquisar explorar: 1) roubar arditamente, abusar de; 2) procurar descobrir. / E. 1) exploit; 2) as above.

51 — Esquisite: Consummately lovely. / P. Lindo, mimoso. / E. esquisito: Excêntrico; raro, precioso. / E. Querr, odd, strange; lovely.

52 — Extemporize: improvise speech, accompaniment. / P. Improvisar. / E. extemporizar! Fazer algo inoportunamente. / E. To be inopportune.

53 — Fatuous: Silly, foolishly conceited, conceited. / P. Chelo de si. / E. fatuo: Estulto; inepto, ócio, nécio. / E. Hollow; ignorant.

54 — Figure: Arithmetical symbol; bodily shape. / P. Algarismo; feição de corte; conservar a linha. / E. Figura: Vulto; Imagem; aspeto; importância social. / E. Aspect; picture; appearance; notability.

55 — fix: Arrange, settle. / P. Endireitar, combinar. / E. fixar: Estabilizar; firmar; pregar; marcar; fixar; peler na memória. / E. Stabilize; stare at; remember.

56 — Fume: To chafe, be irritated. / P. Ensoberbar-se. / E. fumar: Aspirar e expirar o fumo de cigarro, etc. / E. To smoke.

57 — Gallant: Brave; chivalrous; attentive to ladies. / P. Corajoso; cavalheiresco. / E. galante: Gracioso, garboso; espiroso; obsequioso. / E. Charming, with debonaire.

58 — Gallantry: Courage, chivalrousness. / P. Intrepidez, proeza. / E. galanteias: Amabilidades; namoro. / E. Philandering, flirtation.

59 — Genial: Kindly; sociable. / P. Acessível; jovial. / E. genial: Dotado de gênio; que revela gênio ou grande talento. / E. Of, genius or great talent.

60 — Genius: Great creative capacity, highly endowed person. / P. Alto grau de capacidade. / E. gênio: Temperamento; talento; (fam.) irascibilidade. / E. Temper; talent; irritability.

Auto - Retrato

Na fonte, onde uma vez denunciava a v -
ra concentrada,

pensamentos breves, desfos que se avolu -
mam no correr das horas graves

uma centelha - e o universo sempre renovado
da musica que nasce

Do olhar, alor onde se fundem os elementos de
discordia,

como o azul e o negro sobre os mares abertos.
como o ... - o pranto nos delírios do
amor.

Sombras ainda sombras dolentes no longo das
narrativas que fremeem,

os labios que se abrem avidos para os turbos
vinhos - da terra,

para a memoria maldita dos beijos sem
resposta.

E de tantas palavras que se misturam
nesta face humana

qualquer coisa que elle empista um ar
admirado,

em ... uma frásia maior, de empista
distancia,

Tentare arrancar das trevas o anjo ados
meados

Luís Carlos Cardoso

UMA REEDIÇÃO DE SILVIO ROMERO

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA
SILVIO ROMERO

História da Literatura Brasileira

1.ª EDIÇÃO
VOLUME PRIMEIRO

LIVRO I
Fatores da Literatura Brasileira

1 — Trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Esboço geral deste livro	3
II — Teorias da história da língua	15
III — A língua da história da língua e o estudo do povo brasileiro	27
IV — O meio. Psicologia do brasileiro	51
V — A língua brasileira como grupo etnográfico e histórico	63
VI — Línguas que constituíram o povo brasileiro — O tupi	71
VII — Línguas populares. Contos e contos anônimos. A língua da imprensa portuguesa no Brasil	83
VIII — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da colônia do império	113
IX — Psicologia nacional. Prefeitos de educação e política. Imitação do estrangeiro	123

LIVRO II
Formação (época, ou período de formação) (1500-1750)

I — Estado do país. Poetas e cronistas nesse tempo	141
II — Escola baiana. Cronistas, oradores e poetas do século XVII	163
III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII	187

LIVRO III
Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1830)

I — Escola mineira: poesia épica	211
II — Escola mineira: poesia cômico-satírica	239
III — Escola mineira: poesia lírica	259
IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica	317
V — Belas Artes	367
VI — Ciências naturais	375
VII — Últimos Poetas clássicos	417
VIII — Poetas de transição entre clássicos e românticos	435
IX — Historiadores	535
X — Economistas, juristas, consultores, publicistas, oradores, linguistas, moralistas, biógrafos, teólogos e literatos	585
Conclusão	583

VOLUME SEGUNDO

LIVRO IV
Terceira época, ou período de transformação romântica (1830-1870) e anos próximos

Cap.	
I — Poetas	683
II — Ainda poetas	653
III — Poetas ainda	899
IV — Outros poetas	1071
V — Ainda outros poetas	1071
VI — Últimos poetas da escola romântica	1231
VII — Ainda últimos poetas da escola romântica	1383

2.ª EDIÇÃO
TOMO PRIMEIRO

LIVRO I
Fatores da Literatura Brasileira

1 — Trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Esboço geral deste livro	3
II — Teorias da história da língua	15
III — A língua da história da língua e o estudo do povo brasileiro	27
IV — O meio. Psicologia do brasileiro	51
V — A língua brasileira como grupo etnográfico e histórico	63
VI — Línguas que constituíram o povo brasileiro — O tupi	71
VII — Línguas populares. Contos e contos anônimos. A língua da imprensa portuguesa no Brasil	83
VIII — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da colônia do império e da República	113
IX — Psicologia nacional. Prefeitos de educação e política. Imitação do estrangeiro	123

LIVRO II
Primeira época, ou período de formação (1500-1750)

I — Estado do país nos fins de século XVI. Poetas e cronistas nesse tempo	141
II — Escola baiana. Cronistas, oradores e poetas do século XVII	163
III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII	187

LIVRO III
Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1830)

I — Escola mineira: poesia épica	211
II — Escola mineira: poesia cômico-satírica	239
III — Escola mineira: poesia lírica	259
IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica	317
V — Belas Artes	367
VI — Ciências naturais	375
VII — Historiadores	417
VIII — Economistas, juristas, consultores, publicistas, oradores, linguistas, moralistas, biógrafos, teólogos e literatos	435
IX — Últimos Poetas clássicos	535
X — Poetas de transição entre clássicos e românticos	585
Conclusão	583

TOMO SEGUNDO

LIVRO IV
Terceira época, ou período de transformação romântica (1830-1870)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

3.ª EDIÇÃO

LIVRO I
Fatores da Literatura Brasileira

1 — Trabalhos estrangeiros e nacionais sobre a literatura brasileira. Esboço geral deste livro	3
II — Teorias da história da língua	15
III — A língua da história da língua e o estudo do povo brasileiro	27
IV — O meio. Psicologia do brasileiro	51
V — A língua brasileira como grupo etnográfico e histórico	63
VI — Línguas que constituíram o povo brasileiro — O tupi	71
VII — Línguas populares. Contos e contos anônimos. A língua da imprensa portuguesa no Brasil	83
VIII — Relações econômicas. As instituições políticas e sociais da colônia do império e da República	113
IX — Psicologia nacional. Prefeitos de educação e política. Imitação do estrangeiro	123

LIVRO II
Primeira época, ou período de formação (1500-1750)

I — Estado do país nos fins de século XVI. Poetas e cronistas nesse tempo	141
II — Escola baiana. Cronistas, oradores e poetas do século XVII	163
III — Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII	187

LIVRO III
Segunda época, ou período de desenvolvimento autônomo (1750-1830)

I — Escola mineira: poesia épica	211
II — Escola mineira: poesia cômico-satírica	239
III — Escola mineira: poesia lírica	259
IV — Oradores sagrados: poesia religiosa e patriótica	317
V — Belas Artes	367
VI — Ciências naturais	375
VII — Últimos Poetas clássicos	417
VIII — Poetas de transição entre clássicos e românticos	435
IX — Historiadores	535
X — Economistas, juristas, consultores, publicistas, oradores, linguistas, moralistas, biógrafos, teólogos e literatos	585
Conclusão	583

LIVRO IV
Terceira época, ou período de transformação romântica (1830-1870)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO V
Quarta época, ou período de transformação romântica (1870-1900)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO VI
Quinta época, ou período de transformação romântica (1900-1930)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO VII
Sexta época, ou período de transformação romântica (1930-1960)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO VIII
Sétima época, ou período de transformação romântica (1960-1990)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO IX
Oitava época, ou período de transformação romântica (1990-2020)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO X
Nona época, ou período de transformação romântica (2020-2050)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO XI
Décima época, ou período de transformação romântica (2050-2080)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO XII
Undécima época, ou período de transformação romântica (2080-2110)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

LIVRO XIII
Doze época, ou período de transformação romântica (2110-2140)

I — Poesia. O romantismo. Sua primeira fase	1
II — Poesia. Segunda fase do romantismo	157
III — Terceira fase do romantismo	193
IV — Quarta fase do romantismo	328
V — Quinta fase do romantismo	413
VI — Sexta e última fase do romantismo	463
VII — Ainda sexta e última fase do romantismo	587

DANTE - CANTO QUINTO - La Commedia: INFERNO - Por Eduardo Guimarães

paixel assim ao círculo segundo
onde, mais do que no outro, a dor constrição
e de menor espaço me circunco.

Meio, Minos horrendo os dentes rince:
e a falta a examinar, julga o culpado
conforme o busto com a cauda cinze.

Quero dizer que quando o ser não nado,
a sua frente, se confessa e fala,
aquele que bem sabe da verdade.

Na cabeça do ído do Inferno a escassa vai
que lhe destina, a cola voltando
por tantas vezes quantas, a entrosca-la.

Na sua que ele as fôrças vá contando,
p'ra mem'ra as almas, ouvem a sentença:
e a uma por uma afundam-se rolando.

— Oh tu que o vício deste dor insensu
carra! Mises pilou na presença-me
e a tua dita na mão qu'eda apegada!

— Já como entras e se está bem firme
no círculo ao qual te just! Que a ampla entrada
da tua — quem? — Quem vai a dirigir-me.

— Já, não volte: — Também não? Brada,
que eu não sei! Pois tal ludário se-lo,
alguém que o quer e tudo pode! Nada.

23 peripetias mais: — Nisto, ouço um pranto e pelo
clamor dolente encontro-me envolvido;
e vibram-me os cavidos do contê-lo!

Vou um lugar de toda luz banido
onde um mugir do mar que erra a bonanga
se de cont' lírios vintos combat'go.

Ora o infernal tuão que jama's cança,
prebatendo as almas, torvelina:
e um a cada um, p'ra se enfiar, lança.

Quando esforam a escarpa da ruína,
35 ai, sim que o fragor é violento!
E a Virtude transfere-se que é divina!

Soube então que atinga esse tormento
nos danados carais que o sangue abraza
e que é leve não o pensamento.

41 E como os estorninhos batem na
com tempo frio e a fúria, enorme, ondeia
assim os maos espiritos arraza.

43 aquele sopra e acima os desnorteia
e abaixo; e eis que a esperança os não conforta
de pena embrandecer que os alanceia.

E como os grou de que o ar o bando corta,
se alonga e canta lamentosamente,
assim, Centre a refrega que as transporta.

Algumas sombras vi, num al plangente,
50 E eu disse: — Mestre! Que almas serão essas?
Porque castiga a terra uma tal gente?

— Este, a primeira por quem te interessas
começou discorrendo e eu puz-me a escuta,
foi uma imperatriz que fez oprimas.

51 terras e terras, E tão dissoluta
foi que com leis os vícios protegiu;
julgando que salvava a alma corrupta!

53 Semiramis de que o vulgo leu
que o ceptro herdou de Nino, e foi-lhe esposa,
foi o país que ora o Sultão fez seu.

Quanto a esta se matou por amorosa
e as cinzas de Sicheu rompeu a fúria,
foi a outra é Cleopatra idíntica!

54 E Helena assignalou-me, que a amargura
foi do seu tempo; e Achilles vi que, por
amor, se armou para a última aventura.

Vi Paris; e Tristão no ar sem cor,
sombras as mil mostrou-me o dedo erguido,
arrancadas à vida pelo Amor.

55 Quando, já tendo o meu Doutor ouvido,
soube as damas o nome e aos cavaleiros
fui desfaitei de comovido.

61 Príncipe! — Poeta! A esses fronteiros
vies que unidos passam, falaria
de bom grado; e que ao vento vão ligeiros. —

E eis, a mim: — Põe-te atento à ventania
e ao senti-las mais próximos passarem,
Chama-os por esse amor que os tressaria!

62 Pádua, — Logo que, juntos se acercarem
e senti, bradei: — Oh almas desgraçadas,
falai-nos, se falar nos não vedarem!

Tal como as pombas por amor chamadas,
com a paz aberta e firme, ao doce ninho
— e mais com o desejo — vão levadas.

63 Mas assim vieram do redomolho
onde está Dido, a nós, pelo ar profundo,
que alto ecoara o grito de carinho.

— Oh ser benigno e gracioso que a tão fundo
baixante e tantas a ver, pelo ar adverso,
foi que se ligamos de sanguineo o mundo.

Oramos, se chubesse no universo
arado o Rei, que a paz se fosse dada,
já que te puge o noxo mal perverso.

Do que falar e do que ouvir arida
95 falar-vos-amos, e guardo o cuidado,
Pois que se cala subita e livada.

Na terra onde o meu corpo foi nascido,
sobre a minhã o Pó se alarga e estende
e rae das setas para a paz seguido.

100 Amor, que a alma gentil em breve vende,
faz deste o exerto da beleza antiga
que, de um modo perdi — que inda me refenda!

Amor, que a todo amado a amar obriga,
a este encol-me com prazer tão forte
105 que, como rês, de mim se não desliga!

Amor levou-nos juntos para a morte:
Caino a quem manchou as mãos contritadas
espera! — Isto disseram de tal sorte.

Desde que a voz ouvi dessas aflitas
110 almas, a fronte, qual se lassa fosse,
abaixei. E o Poeta: — Em que meditas? —

Pude então responder-lhe: Quanto doce
desejo ah quanto sonho, com surpresa
e mágoa, ao transe doloroso as trouxe!

115 Volvi-me a ambas após: e, com tristezas,
— Francesca! Dizei-me, se os vossos olhos
estão dos seus martírios a queza!

Mas, di-me: ao tempo dos suspiros, quando
que a de lembrar os tempos de feliz
120 a tão dúbios desejos se entregando? —

E eis: — Nenhuma dor maior parece
que a de lembrar os tempos de feliz
quando rem a miséria! E isto conheço

o teu Doutor. Mas se agora a raiz
125 queres da len que os corações estreita
saber, fazei como o que chora e diz.

Nós liamos a história que deleita
de Lanciotti e como, um dia, amou,
Sós eramos os dois e sem suspeita.

130 Se a cor do rosto uma e outra vez mudou
a tal leitura, o olhar brilhou trocado:
e houve em frecho que os outros ajustou.

Quando lemos que o riso desejado
foi beijado por quem belo o via,
135 aquele, que tera sempre ao meu lado,

beijou-me a boca e, pálido, tremia!
Foi Galeoto o livro — e o que firmava...
Não podemos ler mais aquela dia.

Triste, a ouvi-la, o outro espírito chorava,
140 qual se eu morresse então, de pena aborço,
senti que, desmaiando, vacilava.

e eis como cai um corpo morto.



BAIXO RELEVO DE PIETRO LOMBARDI (1400) ORNA O TUMULO DE DANTE EM RAVENNA

Como um presente - Carlos Drummond de Andrade

As exposições no Museu Nacional de Belas Artes -- Raul de São Viçor

Ter universos, na sacara,
mas se a mimosura.

Excessa de leu-te esta gravata,
da tua lona roupa nem precisava.

Nem a lousa no espaço há o jantar,
mas a lousa e a lousa, tua fome não come.

Não mais te peço a mão enrugada
para beijar-te os olhos grossos.
Nem a lousa nas ultimas estiradas
aquela inquietação esta chegando?

Em verdade paraste de fazer anos.
Nem envelheces. O ultimo retrato
este para sempre. E um homem cansado
mas um homem fiel: carteira de identidade.

Tua imobilidade é perfeita. Embora a chuva,
a desconfiança deste chão. Mas sempre amaste
o duro, o lento, a falta. O frio sente-se
em mim, que te visto. Em ti, a calma.
Como compraste a calma? Não a linhas.
Como gostaste a noite? Madrugadas.
Tua carola curta o ar, guarda uma espada
de tua vida, um grilo de teus labios,
tanto em mim, teu corpo cheio, tua face,
tua pressa, teu estrondo... encadeados.

Mus teu segredo não desenturo.
Ele não está nos papéis
do corpo. Nem nas casas que habitaste.
Na casa tua
Visto a porta de quartos sem chave, ouço teu
passo

noturno, teu pigarro, e sinto os bota
e sinto as trapas que levadas pela moto,
e sinto as elevações (teu desprezo) e sinto a
Câmara,

e passo na escada que sobem,
e solidão que sobem, vermelhos,
e passo que te não fazes notar,
mas que não ouso.
Visto, no rio, uma canoa,
uma três homens,

Inda que mal pergunte, o coronel sabe nadar?
Porque esta canoa, louçada Deus, pode virar,
e esta canoa nunca tasta que o amor há de
encontrar?

Tua mão sobre do bolso uma coisa. Tua voz
teu a frente.
"Coronel, me desculpa, não se pode caçar?"

Visto te mais longe. Ficaste pequeno.
Impossível reconhecer teu rosto, mas sei que
les tu.

Visto da nuca, das memórias, dos seus at-
alhados,
da marmoreira, da escravidão, da ironia fa-
miliar,

Es bem trinta e a escola te engole.
Ela porta de ti talvez um farmacêutico ran-
toado, um doutor confuso.

Para comporá belas na mão!

Quem disse?
Entraste pela porta, saíste pela janela,
— conheceu, seu mestre? — quem quis que
leste outra,
mas tu ganhavas o mundo e nele aprenderias
[tua suscitada gramática,
a mão do mundo pegaria de tua mão e dese-
lharia tua firme letra,
o livro do mundo te entraria pelos olhos e te
imprimiria sua completa e clara ciência
mas não descubro teu segredo.

E talvez um erro amarmos assim os parentes.
A identidade do sangue age como cadeia,
fora melhor rompê-la. Procurar meus paren-
tes na Asia,
onde o pão seja outro, e não haja deus de ju-
lúlia a preservar.
Por que ficar neste município, neste sobre-
nome?

Taras, doenças, dívidas: mal se respira no so-
lão.
Quisera abrir um buraco, varar um túnel,
[largar minha terra,
passando por baixo de seus problemas e ja-
lunas, da eterna agência do correio...
e inaugurar novos antepassados em uma no-
va cidade.

Quisera abandonar-te, negar-te, fugir-te,
mas curioso:
já não estás, e te sinto,
não me faltas, mas te converso.
E tanto nos entendemos, no escuro,
no po, no sono.

E pergunto teu segredo.
Não respondes. Não o linhas?
Realmente não o linhas, mas enganavas?
Então que te maravilha poder de abrir gar-
rafas sem macacolia,

de desolar nós, atravessar rios a cavalo, assa-
lir, sem chorar, morte de filho,
expulsar amonizações apenas com teu passo
lento,
o gado que sumia e voltava, embora a peste
lutar-se as fazendas,

o domínio total sobre irmãos, tios, primos, ca-
lmaradas católicas, fiscais do governo,
liberais, padres, médicos, mendigos, lon-
teos, manças, loncos agitados, animais,
[coisas:
então não era segredo?

E tu, que me dizes tudo,
dizias não me contas nada.

Perdoa a longa conversa.
Palavras tão poucas, antesi
E' certo que intimidadas.

Guardavas talvez o amor
em triple cerca de espinhos
já não precisas guardá-lo.
No escuro em que fazes anos,
no escuro,
e permitido sorrir.

7-12-43.

prios, que se comprazem na
constante e apaixonada re-
zação das obras concebidas

Estranhemos também o fi-
to de serem os catálogos re-
vados para os expositores. A-
ra que já perdemos no Brasil
o contato com o povo, a pro-
lo de nos esquecermos que a
dele emana a força, o poder
a glória? De que nos servem
aplausos quase sempre im-
sinceros dos nossos cole-
preocupados com as proprie-
realizações se o nosso traba-
lho não alcança uma finali-
de mais ampla e mais consen-
crativa?

O Museu de Belas Artes
apresenta constantes exposi-
ções, gasta muito dinheiro em
dinheiro este, digamos de pro-
priedade, que provém do povo —
confecciona prospectos incun-
bidos de esclarecer os visitan-
tes sobre as telas e sobre os
pintores que as expõem e li-
mita estes conhecimentos aos
próprios pintores, que qua-
se sempre já conhecem muito
bem a vida dos seus compa-
nheiros! Pelo menos devem ter
lido sobre a história das Be-
las Artes no tempo de estudan-
tes ou assistido as aulas do
professor Flexa Ribeiro, ou já
que atualmente são dadas na
Escola de Belas Artes por Wi-
lfrido Alves de Souza.

A separação, de "arte mas-
culina" e "arte feminina" ex-
clusivamente para os auto-
tratos, pareceu-nos de exten-
mo mau gosto.

Inutil fazer a critica dos tra-
balhos apresentados, uma vez
que se trata de telas que li-
tizararam em varias exposi-
ções, ou de outras que perma-
cem ao Museu, ou que já in-
tereceram estudos intimamen-
te por parte dos criticos e profes-
sores. Limitamo-nos, portanto,
a nos congratularmos com os
dirigentes de tão útil empre-
endimento, esperando que, em
breve, o movimento se exten-
da a todos os meios artisticos
do país, não só para a divul-
gação das preciosidades que
possuimos, como para facilitar
ao publico brasileiro o estudo
a compreensão das nossas ar-
tes plasticas.

Estas constantes injustiças
por parte dos que estão inves-
tidos de autoridade para tra-
tar dos assuntos de arte acen-
ta um prejuizo para o pro-
gresso e educação do povo bra-
sileiro, uma vez que melin-
drados os artistas se retraem
e se volta somente para os seus
trabalhos. Na verdade perdem
mais os meios artisticos, o po-
vo, a arte nacional, com o so-
lamente em que vivem artis-
tas de reconhecido talento, do
que verdadeiramente eles pro-

Gloria Esquecida -- Artur Caetano

A PROPOSITO DE SHAKESPEARE

Nem sempre o homem de gênio
é o contemporâneo da fu-
tura, como afirmava Letour-
neux...

Há quatro décadas, na metrô-
pole rugrendo, a lousa a á-
lissimura Porto Alegre,
tinha na verdade como no ge-
nio.

O silêncio veio em torno do
seu nome, seu profano como a
lousa, a lousa da cidade.

E, na realidade, não recon-
hecemos o gênio que primitiva
existia a lousa das jornadas
libertas dos filhos dos larroupi-
lhos, que de seu dos subterra-
neos da lousa, para decenar-
na a lousa, a lousa dos novos
valores profanos, que transfor-
mou os filhos de mestre de hu-
manidade em profanos lousa-
dos de cidade...

Quando a lousa, nego-
ciada pelo duque de Carlos, em
1345, mudou-se os destinos ro-
lidos do Rio Grande, pareceu-
do incluir na própria etimogra-
fia, e, o depreciação, que
essa época a lousa, do determi-
nantes condições, se tornou ne-
cessária que os filhos do guerreiro
se agitassem a ação de um du-
tinador.

E o velho Apollinário, que se
dizia "lousa", por lousa de sua-
ge e de lousa, os revoluco-
nários de 35, a lousa a sua bi-
blioteca no Rio de Janeiro, onde
Bento Gonçalves, Netto e Ca-

netário haviam tido, trinta anos
antes, o seu quartel-general.

Era nas proximidades da ca-
pital da Província que se erguia,
à beira de uma estrada, a in-



Apollinário Porto Alegre

ponente Casa Branca, residen-
cia lendária do Herói.

Naquele retiro, ele recons-
truiu a existência épica do Rio
Grande, e cantou, em versos
impecáveis, "as nestas savanas
natalícias".

Não houve então quem se en-
saiasse nas letras sem o arrimo
do Mecenas.

No tempo, em que Gambet-
ta ia para o Quartel Latin pre-
sidiar os comícios da mocidade,
Apollinário extraía, do arqui-
vo dos Farrapos, a essência do
liberalismo republicano.

Em três décadas consecuti-

vas, ele reuniu, nos bancos das
suas aulas, a nova estirpe de-
mocrática, que tanto lustre deu
ao Parlamento, ao jornalismo e
à tribuna forense.

O golpe de 15 de Novembro
encontrou-o inabalável nas suas
convicções, e ele, o mais antigo
republicano do Rio Grande.

Dando-se, em seguida, a bi-
furação da rota palmilhada
pelos pregosiros da Ideia Nova,
Apollinário, coerente e desiludi-
do, mas com altiva lealdade, to-
mou a longa vereda do Sofri-
mento.

Contra antigos discípulos, te-
ve que sustentar a luta pela ver-
dade dos princípios que propa-
gara, embora deixando, como ele
mesmo disse, "fragmentos de
reputação nas garras da calú-
nia".

Quando a civilização riogran-
dense ardia na chama revolucio-
nária de 1893, arrastaram-no
o cárcere por delicto de im-
pressão.

Ao ser preso, Apollinário ex-
clamava, fitando a soldadesca
que o conduzia: "Em caminho
para a masmorra, vou me lem-
brando de Sócrates, que, como
eu, educou a juventude nos pre-
ceitos da religião e na culto da
Liberdade".

Para ele a política foi, como
para nenhum outro, a Rocha
Torpida de quantos erram o
caminho do Capitólio.

O diretor de AUTORES E LI-
VROS recebeu a seguinte carta:
São Paulo, 20 de dezembro
de 1943.

Exmo. Sr. Dr. Mucio Leão, —
Redação de "A Manhã", — Rua
Evaristo da Veiga, 16, — Rio de
Janeiro.

Re: Vol. V, N.º 19, ANO III de
AUTORES E LIVROS

Amg. e Sr.:
Bom foi V. S. não terminar o
presente ano com uma polian-
tela, como primeiro passo, por-
que, se o fizer, não tivera pa-
pel neste tempo de crise para
acolher a colaboração dos con-
tribuintes.

O signatário é membro da
Shakespeareana e Browniana
com sede em Londres, motivo
porque aprecia tudo quanto se
publique a respeito dos dois
grandes escritores. O encargo fi-
nancieiro com a matrícula e ma-
nutenção do título foi e é bem
respeitável, mas o que deu mais
trabalho foram as lousas acadê-
micas, as quais, alias merecem
"cum laude", concedida a
tolerância que dispensamos aos
concorrentes chamados "from
abroad".

Do confronto das traduções
em "Autores e Livros" com o
original achei muitas trações,
todas perdáveis quando em
verso, tarefa bem árdua e que só
os talentosos podem realizar.

Por exemplo, em "De Plutarch a
Shakespeare", por D. Milhaud,
pg. 297, perfeito plágio de Pla-
tarcho na sua Vida de Antonio,
temos:

The barge she sat in, like
a barmid throne Barmid
on the water...

A barca em que ele se
sentava, custada resplandecente,
igual a um trono, no
água incendando...

vendo-se que o sujeito passava
ativa para a passiva. Com efeito,
como dizia o mestre Horacio, os
poetas e pintores não se batem.

A parê bibliográfica não
mencionou a tradução de Otto
lo pelo rei D. Luis, limitando-se
a referir Hamlet. Foi pena, por-
quanto perdeu também a opor-
tunidade de lembrar uma das
mais formosas joias de Camões,
a saber, a critica que ele fez
dessa tradução levada a cabo
por um monarca.

O trecho de Milano não está
na Cens III de Alo II, mas na
Cens II do me ao Alo, linhas
198 a 200.

Grato pela atenção, subscro-
vo-me com sincera estima
Amg.º Alo.º e Adm.º. — E. W.
Kerr. — Rua Airosa Galvão, 24,
São Paulo (Capital).